



Smith Zota

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z77d

Zola, Émile, 1840-1902

O dinheiro [recurso eletrônico] / Émile Zola ; tradução Nair
Fonseca, João Alexandre Peschanski. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo,
2021. (Clássicos Boitempo)

recurso digital

Tradução de: L'argent

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5717-019-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Fonseca, Nair. II.
Peschanski, João Alexandre. III. Título. IV. Série.

21-70653

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2020 Carlos
Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère
de l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2020 Carlos
Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério
francês da Europa e das Relações Exteriores.



1ª edição: maio de 2021

Sumário

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

Cronologia

I

Acabavam de soar onze horas na Bolsa, quando Saccard entrou no Champeaux, na sala branca e dourada, cujas duas janelas altas abrem para a praça. De relance, percorreu as fileiras de pequenas mesas, onde se acotovelavam convivas atarefados; e pareceu surpreso por não ver o rosto que procurava.

Como, na agitação do serviço, passava um garçom carregado de pratos:

– Diga-me, pois, o senhor Huret não chegou?

– Não, senhor, ainda não.

Então, Saccard decidiu sentar-se à mesa que um cliente havia deixado, junto ao vão de uma das janelas. Imaginava estar atrasado; e, enquanto trocavam a toalha, seu olhar dirigiu-se para fora, observando os transeuntes na calçada. Mesmo com a mesa já arrumada, não fez o pedido imediatamente; permaneceu por um momento olhando a praça, bem agradável naquele dia claro do início de maio. Àquela hora, em que todos almoçavam, estava quase vazia: sob as castanheiras, cobertas de folhagem tenra e nova, os bancos permaneciam desocupados; ao longo das grades, na estação de coches, a fila de fiacres estendia-se de um extremo ao outro; e o ônibus da Bastilha parava no ponto, na esquina do jardim, sem deixar nem apanhar passageiros. O sol estava a pino, banhava o monumento, a colunata, as duas estátuas, a vasta escadaria, acima da qual havia apenas um exército de cadeiras bem-arrumadas.

Ao virar-se, porém, Saccard reconheceu Mazaud, o corretor de ações, na mesa vizinha à sua. Estendeu-lhe a mão.

– Ora! É o senhor. Bom dia!

– Bom dia! – respondeu Mazaud, com um aperto de mão distraído.

Baixo, moreno, muito ativo, belo homem, havia herdado recentemente a função de um de seus tios, aos trinta e dois anos. E parecia inteiramente atento ao conviva que tinha à sua frente, um senhor gordo de rosto vermelho e escanhado, o célebre Amadieu, que a Bolsa venerava desde o famoso golpe das Minas de Selsis. Quando as ações haviam baixado a quinze francos – e qualquer comprador delas seria tido como louco –, investiu sua fortuna no negócio, duzentos mil francos, ao acaso, sem cálculo nem intuição, com uma obstinação de ignorante afortunado. Atualmente, depois que a descoberta de filões reais e consideráveis havia feito as ações ultrapassarem a cotação de mil francos, ganhava uma quinzena de milhões; e sua operação imbecil, que decerto o levaria ao hospício, agora o alçava à categoria dos sábios cérebros financeiros. Era saudado e sobretudo consultado. Aliás, não investia mais, satisfeito com seu golpe de gênio único e legendário. Mazaud devia sonhar em tê-lo como cliente.

Saccard, sem obter sequer um sorriso de Amadieu, cumprimentou a mesa à frente, onde se encontravam reunidos três especuladores conhecidos: Pillerault, Moser e Salmon.

– Bom dia! Tudo bem?

– Sim, nada mal... Bom dia!

Neles também sentiu frieza, quase hostilidade. Entretanto, Pillerault, muito alto, muito magro, com gestos bruscos e um nariz em forma de lâmina de sabre em um rosto esquelético de cavaleiro errante, tinha habitualmente a familiaridade de um apostador que erigia como princípio a temeridade, declarando que resvalava em catástrofes cada vez que tentava refletir. Tinha a natureza exuberante do artista, sempre voltado para a vitória, enquanto Moser, ao contrário, de baixa estatura, pele amarelada, devastado por uma doença do fígado, lamentava-se sem parar, tolhido por receios constantes de cataclismo. Quanto a Salmon, um belo homem em luta contra o cinquentenário, que exibia uma barba soberba, negra como tinta, passava por um tipo extraordinariamente

astuto. Nunca falava, respondia apenas com sorrisos, não se sabia em que direção apostava, nem mesmo se apostava; e sua maneira de escutar impressionava tanto Moser que este, frequentemente, após ter-lhe feito uma confidência, se perturbava pelo silêncio dele e corria para mudar uma ordem.

Em meio à indiferença que lhe demonstravam, Saccard continuou, o olhar febril e provocador, a completar a volta pela sala. E trocou apenas um aceno de cabeça com um jovem corpulento, sentado a três mesas de distância, o belo Sabatani, um levantino, de face alongada e morena, iluminada por olhos negros magníficos, mas deturpada por uma boca perversa, inquietante. A amabilidade daquele rapaz acabou por irritá-lo: excluído de uma Bolsa estrangeira, Sabatani era um desses tipos misteriosos apreciados pelas mulheres, chegado ao mercado no último outono, que ele já havia visto em ação, como testa de ferro em um desastre bancário, e o homem pouco a pouco conquistava a confiança da *corbeille* e da *coulisse* com muita retidão e boa vontade infatigável, mesmo com os de pior reputação^[a].

Um garçom estava em pé diante de Saccard.

– O que o senhor deseja?

– Ah! Sim... O que o senhor quiser, uma costeleta, aspargos.

Depois, chamou novamente o garçom.

– Tem certeza de que o senhor Huret não chegou antes de mim e foi embora?

– Oh! Certeza absoluta!

Assim, lá estava ele, após o fracasso que, em outubro, o havia coagido, uma vez mais, a liquidar seus negócios, a vender a mansão do parc Monceau para alugar um apartamento: apenas os Sabatanis da vida o cumprimentavam, e sua entrada em um restaurante onde antes havia reinado não fazia mais todas as cabeças virar, todas as mãos se estender. Era um bom jogador, permanecia sem rancor, após aquele último negócio de terrenos, escandaloso e desastroso, no qual só havia conseguido salvar a pele. Mas uma febre de vingança incendiava-lhe o

ser; e a ausência de Huret, que havia formalmente prometido estar ali, às onze horas, para comunicar-lhe o resultado da missão de que havia se incumbido junto ao irmão de Saccard, Rougon, então ministro triunfante, exasperava-o, principalmente contra este último. Huret, deputado dócil, criatura do grande homem, era apenas um mensageiro. No entanto, seria possível que Rougon, ele que tudo podia, o abandonasse assim? Nunca havia sido um bom irmão. Que estivesse furioso após a catástrofe, que houvesse rompido publicamente com ele para não se comprometer, seria compreensível; mas, seis meses depois, não deveria ter ocorrido secretamente em auxílio? E, agora, teria a coragem de recusar o amparo final que lhe havia pedido por intermédio de um terceiro, sem ousar vê-lo pessoalmente, temendo uma crise de raiva? Bastaria Rougon dizer uma palavra e ele o reporia a prumo, com toda aquela Paris grande e covarde a seus pés.

– Que vinho o senhor deseja? – perguntou o *sommelier*.

– O *bordeaux* da casa.

Saccard, que deixava esfriar a costeleta, absorto, sem fome, levantou os olhos ao ver uma sombra passar sobre a toalha. Era Massias, rapaz gordo e corado, um zangão que havia conhecido ainda pobre, e que deslizava entre as mesas com a ficha de cotações à mão. Ficou mortificado ao vê-lo passar por ele, sem parar, para estender as cotações a Pillerault e a Moser. Distraídos, empolgados em uma discussão, mal as olharam: não, não tinham ordens a dar, ficaria para uma outra vez. Massias, sem ousar dirigir-se ao célebre Amadieu, debruçado sobre uma salada de lagosta, a falar em voz baixa com Mazaud, voltou-se para Salmon, que pegou as cotações, analisou-as longamente, e em seguida devolveu-as, sem nada dizer. A sala animava-se. Outros zangões, a cada minuto, faziam bater as portas. Trocavam-se ao longe palavras em voz alta, aumentava a paixão pelos negócios à medida que avançava a hora. E Saccard, cujo olhar se voltava sem parar para fora, via também a praça encher-se pouco a pouco, com coches e pedestres afluindo; ao passo que,

nos degraus da Bolsa, reluzentes ao sol, manchas negras, homens já se mostravam, um a um.

– Repito-lhes – disse Moser com a voz desolada – que essas eleições complementares de 20 de março^[b] são um sintoma muito inquietante... Enfim, hoje Paris inteira foi conquistada pela oposição.

Mas Pillerault encolhia os ombros. Com Carnot e Garnier-Pagès a mais na bancada da esquerda, o que poderia acontecer?

– É como a questão dos ducados – continuou Moser –, pois bem! É cheia de complicações... Com certeza! Os senhores podem rir. Não digo que devemos declarar guerra à Prússia, para impedi-la de enriquecer à custa da Dinamarca; apenas que haveria meios de ação... Sim, sim, quando os grandes se põem a devorar os pequenos, ninguém sabe onde isso vai parar. E, quanto ao México...

Pillerault, que estava em um de seus dias de satisfação universal, interrompeu-o com uma gargalhada.

– Ah! Não, meu caro, não nos aborreça mais com seus temores sobre o México... O México será a página gloriosa do reino... De onde diabo o senhor tira que o império está doente? Em janeiro, o empréstimo de trezentos milhões não foi coberto mais de quinze vezes? Um sucesso esmagador!... Olhe! Marco uma reunião em 1867, sim, daqui a três anos, quando será inaugurada a Exposição Universal que o imperador acaba de aprovar.

– Eu lhes digo que tudo vai mal – afirmou Moser desesperadamente.

– Eh! Deixe-nos em paz, tudo vai bem!

Salmon olhava para um e para o outro, sorrindo com seu ar profundo. E Saccard, que os havia escutado, relacionava às dificuldades de sua situação pessoal essa crise em que o império parecia entrar. Ele, uma vez mais, estava no chão; será que aquele império, que o havia feito, desmoronaria como ele, desabando subitamente do destino mais alto ao mais miserável? Ah! Fazia doze anos que o amava e defendia, aquele regime no qual havia sentido viver, crescer, embeber-se de seiva, como a árvore cujas raízes mergulham no terreno fecundo que lhe convém! Mas,

se seu irmão quisesse desarraigá-lo, se lhe tirassem o solo fértil dos prazeres, então que tudo fosse levado no grande turbilhão final das noites de festa!

Agora, aguardava os aspargos, alheio à sala onde a agitação crescia incessantemente, invadido por recordações. Em um grande espelho em frente acabava de avistar sua imagem; e ela o surpreendeu. A idade não afetava sua pequena pessoa, seus cinquenta anos mal pareciam trinta e oito, mantinha a esbeltez e a vivacidade de homem jovem. Aliás, com os anos, seu rosto escuro e sulcado como o de uma marionete, nariz pontiagudo, olhos estreitos e brilhantes, parecia restaurado; havia ganhado o encanto dessa juventude persistente, tão suave, tão ativo, cabelos ainda fartos, sem um único fio branco. E, inevitavelmente, lembrava-se de sua chegada a Paris, no dia seguinte ao golpe de Estado, a tarde de inverno em que havia despontado sobre o calçamento, bolsos vazios, esfomeado, tendo uma fúria de desejos a saciar. Ah! Aquela primeira caminhada pelas ruas, antes mesmo de desfazer a mala, quando havia sentido a necessidade de percorrer a cidade com suas botas desgastadas e seu paletó ensebado para conquistá-la! Desde aquela tarde, havia muitas vezes subido bem alto, um rio de milhões havia corrido por suas mãos, sem que jamais houvesse tido a fortuna como escrava, como uma coisa própria, de que pudesse dispor, trancada à chave, viva, material. Sempre a mentira, a ficção, havia morado em seus cofres, nos quais frestas desconhecidas pareciam esvaziar de seu ouro. Agora, eis que se encontrava no chão, como na época longínqua da largada, ainda jovem, ainda faminto, sempre insaciado, torturado pela mesma necessidade de prazeres e conquistas. Tinha provado tudo e jamais se satisfeito, sem ter tido oportunidade nem tempo, pensava, de abocanhar profundamente as pessoas e as coisas. Nessa hora, sentia a miséria de ser, no chão, menos do que um iniciante, que teria conservado a ilusão e a esperança. E invadia-o uma febre de tudo recomeçar, tudo reconquistar, subir ainda mais alto, enfim pôr o pé sobre a cidade conquistada. Não

mais a riqueza mentirosa de fachada, mas o edifício sólido da fortuna, a verdadeira realeza do ouro tronando em sacas repletas!

A voz de Moser, que se erguia de novo, estridente e muito aguda, afastou Saccard por um instante de suas reflexões.

– A expedição ao México custa catorze milhões por mês, foi Thiers quem provou... E realmente é preciso ser cego para não ver que, na Câmara, a maioria está abalada. São trinta e poucos agora, na esquerda! O próprio imperador entende perfeitamente que o poder absoluto se torna impossível, tanto que ele se apresenta como promotor da liberdade.

Pillerault não respondia mais, contentava-se em sorrir com ar de desprezo.

– Sim, eu sei, o mercado parece sólido, os negócios avançam. Mas esperem o fim... Demoliram demais e reconstruíram demais em Paris, vejam! As grandes obras consumiram a poupança. Quanto aos poderosos bancos, que lhes parecem tão prósperos, esperem que um deles dê um passo em falso e verão todos capotar na sequência... Sem falar que o povo se agita. Essa Associação Internacional dos Trabalhadores, que acabam de fundar para melhorar a condição dos operários, assusta-me muito. Há na França uma agitação, um movimento revolucionário que se acentua a cada dia... eu lhes digo que o verme está dentro da fruta. Tudo estourará.

Então, houve um protesto ruidoso. Aquele terrível Moser teve certamente uma crise de fígado. Mas ele próprio, ao falar, não tirava os olhos da mesa vizinha, onde Mazaud e Amadieu continuavam, em meio ao barulho, a conversar em voz baixa. Pouco a pouco, a sala inteira inquietava-se com aquelas longas confidências. Que tinham a dizer um ao outro, para cochichar assim? Decerto Amadieu dava ordens, preparava um golpe. Fazia três dias que corriam boatos inquietantes sobre as obras de Suez. Moser piscou os olhos, também baixou a voz.

– Os senhores sabem que os ingleses querem nos impedir de trabalhar lá. Poderíamos até ter uma guerra.

Dessa vez, Pillerault ficou abalado pela própria enormidade da notícia. Era incrível e, imediatamente, a palavra voou de mesa em mesa, adquirindo a força de uma certeza: a Inglaterra havia enviado um ultimato, exigindo a interrupção imediata das obras. Amadiou, evidentemente, falava disso com Mazaud, a quem dava a ordem de vender toda a sua participação da Suez. Ergueu-se um murmurinho de pânico no ar impregnado de odores gordurosos, em meio ao ruído crescente das louças remexidas. E, naquele momento, a emoção geral foi ao auge com a entrada abrupta de um assistente do corretor, o pequeno Flory, um jovem de rosto afável, envolto em espessa barba castanha. Precipitou-se, um maço de fichas à mão, e entregou-as ao patrão, falando a seu ouvido.

– Bem! – respondeu simplesmente Mazaud, que colocou as fichas em sua caderneta.

Em seguida, olhando o relógio:

– Quase meio-dia! Diga a Berthier para me aguardar. E esteja lá também, vá buscar os telegramas.

Quando Flory partiu, continuou sua conversa com Amadiou, tirou outras fichas do bolso, que colocou sobre a toalha, junto a seu prato; a cada minuto, um cliente que partia inclinava-se ao passar, dizia-lhe uma palavra, que ele rapidamente escrevia em um pedaço de papel, entre duas garfadas. A falsa notícia, vinda não se sabia de onde, nascida do nada, aumentava como uma nuvem de tempestade.

– O senhor vende, não é? – perguntou Moser a Salmon.

Mas o sorriso mudo desse último foi tão cheio de malícia que o outro ficou ansioso, duvidando daquele ultimato da Inglaterra que nem mesmo sabia ter inventado.

– Eu compro quanto quiserem – concluiu Pillerault, com sua temeridade vaidosa de investidor sem método.

Com as têmperas ardentes pela embriaguez do jogo que fustigava aquele fim de almoço ruidoso, na sala estreita, Saccard decidiu comer os aspargos, irritando-se novamente com Huret, com quem não contava

mais. Havia semanas que ele, tão resoluto em suas decisões, hesitava, conflitado por incertezas. Sentia claramente a necessidade imperiosa de mudar sua imagem e havia sonhado de início com uma vida completamente nova, na alta administração ou na política. Por que o Corpo Legislativo não o conduziria ao conselho de ministros, como ao seu irmão? O que ele condenava na especulação era a contínua instabilidade, as grandes quantias tão rapidamente perdidas quanto ganhas: nunca havia dormido com um milhão real, sem dever nada a ninguém. E, naquela hora em que fazia um exame de consciência, dizia a si mesmo que talvez fosse excessivamente apaixonado por essa batalha do dinheiro, que exigia tanto sangue frio. Isso explicaria por que, após uma vida tão extraordinária de luxo e dificuldade, saísse exaurido, consumido, daqueles dez anos de formidáveis transações com os terrenos da nova Paris, nas quais outros, mais fortes, haviam amealhado fortunas colossais. Sim, talvez estivesse enganado sobre suas reais aptidões, talvez triunfasse rapidamente na briga política, com sua energia, sua fé ardente. Tudo agora dependeria da resposta de seu irmão. Se o repelisse e o jogasse no abismo do ágio, pois bem! Seria azar dele e dos outros, arriscaria o grande golpe sobre o qual ainda não havia contado a ninguém, o enorme negócio com o qual sonhava havia semanas e que assustava a si mesmo, de tão vasto, quer desse certo quer fracassasse, feito para abalar o mundo.

Pillerault havia erguido a voz.

– Mazaud, acabou a execução de Schlosser?

– Sim – respondeu o corretor –, o cartaz será afixado hoje... Que fazer? É sempre aborrecido, mas eu havia recebido informações muito inquietantes e antecipei-me. É preciso, de vez em quando, fazer uma faxina.

– Afirmaram-me – disse Moser – que seus colegas, Jacoby e Delarocque, participavam com belas quantias.

O corretor fez um gesto vago.

– Ora! Faz parte do jogo... Esse Schlosser devia fazer parte de um bando e estará pronto para piratear a Bolsa de Berlim ou de Viena.

Os olhos de Saccard haviam se voltado para Sabatani, cuja associação secreta com Schlosser lhe havia sido revelada por acaso: ambos jogavam um jogo conhecido, um na alta, outro na baixa, com as mesmas ações, quem perdesse poderia partilhar o lucro do outro e desaparecer. Mas o jovem pagava tranquilamente a conta do almoço refinado que acabava de saborear. Em seguida, com sua graça afetuosa de oriental mestiçado com italiano, foi apertar a mão de Mazaud, de quem era cliente. Inclinou-se, deu uma ordem, que o corretor escreveu em uma ficha.

– Ele vende suas Suez – murmurou Moser.

E, em voz alta, cedendo a uma necessidade, agoniado pela dúvida:

– Hein? Que pensam os senhores de Suez?

Fez-se silêncio na algazarra de vozes, todas as cabeças das mesas vizinhas se voltaram. A pergunta resumia a ansiedade crescente. Mas Amadieu, que havia convidado Mazaud simplesmente para recomendar-lhe um sobrinho, permanecia impenetrável, nada tendo a declarar; enquanto o corretor, que começava a se surpreender com as ordens de venda que recebia, contentava-se em balançar a cabeça, por hábito profissional de discrição.

– As ações de Suez, muito bem! – declarou com sua voz melodiosa Sabatani, que, antes de sair, desviou do caminho para apertar galantemente a mão de Saccard.

E Saccard conservou por um momento a sensação daquele aperto de mão, tão suave, tão lânguido, quase feminino. Em sua incerteza sobre que direção tomar para refazer sua vida, ele considerava todos desonestos, os que estavam ali. Ah! Se lhe pedissem, como os emboscaria, como os tosquiaria, os Mosers trêmulos, os Pilleraults fanfarrões e aqueles Salmons mais ocos que abóboras, e aqueles Amadieus cujo sucesso havia feito o gênio! O barulho dos pratos e dos copos havia recomeçado, as vozes enrouqueciam, as portas batiam mais forte, na pressa que devorava todos de estarem lá, no pregão, se uma catástrofe fosse acontecer com Suez. Pela janela, no meio da praça sulcada por fiacres, abarrotada de pedestres, ele via os degraus ensolarados da Bolsa como se estivessem

agora salpicados de uma nuvem contínua de insetos humanos, homens corretamente vestidos de preto, que pouco a pouco guarneciam a colunata; enquanto isso, atrás das grades, apareciam algumas mulheres, vagas, perambulando sob as castanheiras.

Abruptamente, no momento em que cortava o queijo que havia pedido, uma voz grave o fez erguer a cabeça.

– Peço-lhe perdão, meu caro, foi impossível chegar mais cedo.

Enfim, era Huret, um normando de Calvados, com um rosto grosseiro e largo de camponês astuto, que simulava ser um homem simples. Imediatamente pediu qualquer coisa, o prato do dia, com um legume.

– E então? – perguntou secamente Saccard, que se continha.

Mas o outro não se apressava, olhava-o como homem astucioso e prudente. Em seguida, ao começar a comer, aproximou a face e baixou a voz:

– Pois bem! Vi o grande homem... Sim, em sua casa, pela manhã... Oh! Foi muito gentil, muito gentil com o senhor.

Interrompeu-se, tomou um grande copo de vinho, colocou uma batata na boca.

– Então?

– Então, meu caro, veja... Ele está disposto a fazer pelo senhor tudo o que puder, procurará uma bela posição, mas não na França... Por exemplo, governador de uma de nossas colônias, uma das boas. O senhor lá seria mestre, um verdadeiro pequeno príncipe.

Saccard havia ficado lívido.

– Diga que é para rir, o senhor zomba do mundo!... Por que não a deportação? Ah! Ele quer se livrar de mim. Que se acautele, antes que eu me ponha a incomodá-lo de verdade!

Huret permanecia de boca cheia, conciliador.

– Vejamos, vejamos, só queremos seu bem, deixe-nos ajudar.

– Que eu me deixe eliminar, é isso?... Pois! Há pouco, dizia-se aqui que o império logo não poderia cometer nem um erro a mais. Sim, a

guerra da Itália, o México, a atitude em relação à Prússia. Juro, é a verdade!... Os senhores farão tantas asneiras e loucuras que a França inteira se levantará para expulsá-los.

De pronto, o deputado, criatura fiel do ministro, inquietou-se, empalideceu e olhou em torno.

– Ah! Permita-me, permita-me, não posso acompanhá-lo... Rougon é um homem honesto, não há perigo enquanto estiver lá... Não, não diga mais nada, o senhor não o conhece, insisto em dizer.

Violentemente, sufocando a voz entre os dentes cerrados, Saccard interrompeu-o.

– Que seja, ame-o, façam suas tramoias juntos... Sim ou não, ele quer me apadrinhar em Paris?

– Em Paris, nunca!

Sem dizer mais nada, Saccard levantou-se, chamou o garçom para pagar a conta, enquanto Huret, que conhecia suas crises de cólera, continuava muito calmo, a engolir grandes bocados de pão, e deixava-o partir, com medo de um escândalo. Mas, naquele momento, na sala, houve uma forte emoção.

Gundermann acabava de entrar, o banqueiro rei, o dono da Bolsa e do mundo, um homem de sessenta anos cuja enorme cabeça calva, com nariz grande, olhos redondos e salientes, exprimia uma obstinação e um cansaço imensos. Nunca ia à Bolsa, fingia nem sequer enviar um representante oficial; também nunca almoçava em lugar público. Somente de vez em quando acontecia, como naquele dia, de aparecer no restaurante Champeaux, onde se sentava a uma das mesas simplesmente para tomar um copo de água de Vichy, colocado sobre um prato. Sofrendo, há vinte anos, de uma doença do estômago, alimentava-se unicamente de leite.

Imediatamente, os funcionários apressaram-se para trazer o copo de água, e todos os convivas presentes se encolheram. Moser, com um ar aniquilado, contemplava esse homem que conhecia os segredos, que fazia a seu bel-prazer a alta ou a baixa das ações, como Deus faz o trovão. O

próprio Pillerault o saudava, só tendo fé na força irresistível do bilhão. Era meio-dia e meia, e Mazaud, que se despedia apressadamente de Amadiou, retornou e curvou-se diante do banqueiro, de quem às vezes tinha a honra de receber uma ordem. Muitos homens da Bolsa que estavam de saída permaneceram em pé, ao redor do deus, fazendo-lhe reverências respeitadas, em meio à debandada das toalhas sujas; e com veneração olhavam-no pegar o copo de água com a mão trêmula e levá-lo aos lábios descorados.

Outrora, nas especulações com os terrenos da planície Monceau, Saccard havia tido discussões, até mesmo uma desavença, com Gundermann. Não podiam se entender, um, passional e hedonista, o outro, sóbrio e de fria lógica. Aliás, o primeiro, em sua crise de cólera, ainda mais exasperado por essa entrada triunfal, partia, quando o outro o chamou.

– Diga, meu caro amigo, é verdade? O senhor abandona os negócios... Olhe, o senhor faz bem, vale mais a pena.

Foi para Saccard uma chibatada em cheio no rosto. Empertigou sua pequena estatura e replicou em voz clara, afiada como uma espada:

– Estou fundando um casa de crédito com capital de vinte e cinco milhões e espero procurá-lo em breve.

E saiu, deixando para trás o burburinho candente da sala, onde todos se empurravam para não perder a abertura da Bolsa. Ah! Enfim vencer, pisotear aquela gente que lhe virava as costas, disputar o poder com o rei do ouro e talvez abatê-lo um dia! Ainda não havia decidido lançar o grande negócio, ficou surpreso com a frase que a necessidade de resposta lhe impôs. Mas poderia tentar fortuna em outro lugar, agora que seu irmão o abandonava e que os homens e as coisas o feriam para devolvê-lo à luta, como o touro ensanguentado é reconduzido à arena?

Por um momento, permaneceu trêmulo à beira da calçada. Era a hora agitada em que a vida de Paris parece confluir para aquela praça central, entre a rue Montmartre e a rue Richelieu, as duas artérias engorgitadas que transportam a multidão. Dos quatro cruzamentos,

abertas nos quatro ângulos da praça, jorravam torrentes ininterruptas de coches, sulcando o calçamento em meio à desordem de uma turba de pedestres. Sem pausa, as duas filas de fiacres na estação, ao longo das grades, rompiam-se e refaziam-se; ao mesmo tempo, na rue Vivienne, as vitórias dos zangões estendiam-se em uma fila compacta que os cocheiros controlavam, rédeas à mão, prontos para chicotear ao primeiro comando. Invadidos, os degraus e o peristilo estavam negros pelo formigueiro de casacas; e, da *coulisse*, já instalada sob o relógio e em atividade, erguia-se o clamor da oferta e da procura, aquele ruído de maré do ágio, sobressaindo ao bramido da cidade. Transeuntes viravam a cabeça, pela curiosidade e pelo temor do que ali se fazia, aquele mistério das operações financeiras que poucos cérebros franceses compreendem, aquelas ruínas, aquelas fortunas repentinas que não se explicam, entre aqueles gestos e gritos bárbaros. E ele, à beira da sarjeta, ensurdecido pelas vozes longínquas, acotovelado pelos empurrões de pessoas apressadas, sonhava mais uma vez com a realeza do ouro, naquele quarteirão de todas as febres, onde a Bolsa, da uma às três horas, pulsava no centro, como um coração enorme.

Mas ele, desde sua desgraça, não havia mais ousado entrar na Bolsa; e, ainda naquele dia, um sentimento de vaidade sofredora, a certeza de ser acolhido ali como um vencido, impedia-o de subir os degraus. Como os amantes rechaçados da alcova de uma concubina que ainda desejam, mesmo que pensem execrá-la, lá voltava fatalmente, rodeava a colunata sob vários pretextos, atravessando o jardim, caminhando com passo despreocupado, à sombra das castanheiras. Naquela espécie de praça empoeirada, sem grama nem flores, onde se movia nos bancos, entre os banheiros e as bancas de jornal, uma mistura de especuladores suspeitos e de mulheres do bairro, sem chapéus, amamentando seus rebentos, ele fingia uma ociosidade desinteressada, erguia os olhos, espreitava, com o pensamento furioso de que fazia o cerco ao monumento, o qual o prendia em um círculo estreito para um dia entrar como um triunfador.

Virou a esquina da direita, sob as árvores que ficam em frente à rue de la Banque, e logo em seguida deparou com a pequena bolsa de títulos podres, os “Pés Molhados”, como eram chamados com irônico desprezo aqueles investidores de velharias que apregoam ao ar livre, na lama em dias chuvosos, as ações de empresas mortas. Havia ali, em um grupo tumultuoso, toda uma judiaria suja, com rostos gordos e lustrosos, perfis ressequidos de aves vorazes, uma reunião extraordinária de narizes típicos, próximos uns dos outros, como se estivessem sobre uma presa, encarniçando-se em meio a gritos guturais, prestes a se devorarem entre si. Ali ele passava quando notou, um pouco afastado, um homem gordo a contemplar ao sol um rubi, que levantava, delicadamente, entre seus dedos enormes e sujos.

– Ora, Busch!... o senhor me lembra que eu gostaria de ir a sua casa.

Busch, que mantinha um escritório de negócios na rue Feydeau, na esquina da rue Vivienne, havia sido, várias vezes, de grande utilidade em circunstâncias difíceis. Permanecia extasiado, a examinar a pureza da pedra preciosa, seu largo rosto achatado voltado para cima, os grandes olhos acinzentados parecendo extintos pela luz brilhante; e via-se, enrolada como uma corda, a gravata branca que sempre usava; ao passo que sua casaca de segunda mão, antigamente magnífica, mas extraordinariamente puída e manchada, subia até os cabelos sem cor, que formavam mechas raras e rebeldes em seu crânio nu. O chapéu, ressecado pelo sol, lavado pela chuva, não mais tinha idade.

Enfim, decidiu voltar à terra.

– Ah! Senhor Saccard, o senhor faz uma caminhada por aqui.

– Sim... Tenho uma carta em russo, uma carta de um banqueiro russo, estabelecido em Constantinopla. Então, pensei que seu irmão poderia traduzi-la para mim.

Busch, que com um movimento inconsciente e suave ainda rodopiava o rubi em sua mão direita, estendeu a esquerda, dizendo que, naquela mesma noite, a tradução seria enviada. Mas Saccard explicou que eram apenas dez linhas.

– Vou subir, seu irmão lerá isso para mim na hora...

Foi interrompido pela chegada de uma mulher enorme, a senhora Méchain, bem conhecida dos frequentadores da Bolsa, uma dessas apostadoras impetuosas e miseráveis cujas mãos gordas remexem em todo tipo de atividade obscura. Seu rosto de lua cheia, inchado e vermelho, com estreitos olhos azuis, narizinho escondido, boquinha da qual saía uma voz de falsete, como a de uma criança, parecia transbordar do velho chapéu roxo, com fitas grená amarradas na lateral; o pescoço gigantesco e o ventre hidrópico rebentavam o vestido de popelina verde, corroído pela lama, desbotado. Trazia ao braço uma bolsa antiga de couro preto, imensa, tão profunda quanto uma mala, que não largava nunca. Naquele dia, a bolsa, inflada a ponto de arrebentar, empurrava-a para a direita, curvada como uma árvore.

– Enfim chegou – disse Busch, que devia esperá-la.

– Sim, e recebi os papéis de Vendôme, trago-os aqui.

– Bem! Vamos a minha casa... Nada a fazer hoje aqui.

Saccard havia lançado um olhar vacilante sobre a vasta bolsa de couro. Sabia que fatalmente cairiam nela os títulos podres, as ações de empresas falidas, com as quais os “Pés Molhados” ainda especulam, ações de quinhentos francos que negociavam por vinte soldos^[c], dez soldos, na vaga esperança de uma alta improvável ou, mais praticamente, como uma mercadoria espúria, que vendem com lucro aos falidos desejosos de inflar seu passivo. Nas batalhas mortais da finança, Méchain era o corvo que seguia os exércitos em marcha; não se fundava uma empresa ou grande casa de crédito sem que ela aparecesse, com sua bolsa, sem que farejasse o ar à espera dos cadáveres, mesmo nas horas prósperas das emissões triunfantes; pois bem sabia que a derrocada seria fatal, que o dia do massacre chegaria, que haveria mortos a devorar, títulos a apanhar por nada na lama e no sangue. E ele, que elaborava seu grande projeto de um banco, teve um leve calafrio, foi transpassado por um mau pressentimento ao ver aquela bolsa, aquela vala comum de títulos podres, por onde passava todo papel sujo varrido da Bolsa.

Ao ver que Busch partia com a velha mulher, Saccard o deteve.

– Então, posso ir? É certo que encontrarei seu irmão?

Os olhos do judeu suavizaram-se, exprimiram uma surpresa inquieta.

– Meu irmão? Com certeza! Onde haveria de estar?

– Muito bem, até já!

E Saccard, deixando que se afastassem, prosseguiu sua lenta caminhada, próximo às árvores, na direção da rue Notre-Dame-des-Victoires. Aquele lado da praça é um dos mais frequentados, ocupado por estabelecimentos comerciais, oficinas caseiras, cujos brasões dourados resplandeciam ao sol. Venezianas batiam nas sacadas e uma família inteira de provincianos permanecia pasma, junto à janela de um apartamento mobiliado. Maquinalmente, ele levantou a cabeça, olhado para aquela gente cuja estupefação o fazia sorrir e o reconfortava com o pensamento de que sempre haveria acionistas nas províncias. Atrás dele, o clamor da Bolsa, o som da maré longínqua continuava, obcecava-o como uma ameaça do precipício que o sorveria.

Um novo encontro, porém, o deteve.

– Como, Jordan, o senhor na Bolsa? – exclamou, ao apertar a mão de um jovem alto e moreno, com pequenos bigodes, ar decidido e voluntarioso.

Jordan, cujo pai, um banqueiro de Marselha, havia se suicidado após especulações desastrosas, percorria havia dez anos as ruas de Paris, apaixonado por literatura, em uma luta heroica contra a negra miséria. Um de seus primos, instalado em Plassans, onde conhecera a família de Saccard, o havia recomendado à época em que este costumava receber toda a sociedade de Paris em sua mansão do parc Monceau.

– Oh! Na Bolsa, nunca! – respondeu o jovem com um gesto violento, como se afastasse a lembrança trágica de seu pai.

Depois, sorrindo de novo:

– O senhor sabe que me casei... Sim, com uma amiga de infância. Ficamos noivos quando eu era rico, e ela teimou em querer de qualquer jeito o pobre-diabo que me tornei.

– Perfeitamente, fui avisado – disse Saccard. – E, imagine, tive contato, no passado, com seu sogro, o senhor Maugendre, quando ele possuía a fábrica de lonas na Villette. Deve ter ganhado uma bela fortuna.

Essa conversa acontecia perto de um banco, e Jordan interrompeu-a para apresentar um homem gordo e baixo, de aspecto militar, que estava sentado ali e com quem conversava antes de se encontrarem.

– O senhor capitão Chave, tio de minha esposa... A senhora Maugendre, minha sogra, é da família Chave, de Marselha.

O capitão levantou-se e Saccard cumprimentou-o. Conhecia de vista o rosto apoplético, com o pescoço enrijecido pelo uso do colarinho militar, um desses ínfimos apostadores de dinheiro vivo, que era certo encontrar ali, todos os dias, da uma às três horas. É um jogo de pouco ganho, lucro quase garantido de quinze a vinte francos, que deve ser realizado na própria Bolsa.

Jordan prosseguiu, com seu riso franco, para explicar sua presença:

– Um investidor feroz, meu tio, a quem simplesmente aperto a mão, por vezes, ao passar.

– Virgem! – disse simplesmente o capitão – É preciso apostar, pois o governo, com sua pensão, deixa-me a morrer de fome.

Em seguida, Saccard, a quem o jovem interessava por sua coragem em lutar pela vida, perguntou se os assuntos de literatura caminhavam bem. E Jordan, sempre alegre, descreveu a residência do pobre casal em um quinto andar^[d], na avenue de Clichy; pois os Maugendres, que não confiavam em um poeta, achavam que já haviam feito muito ao consentir no casamento e nada lhes deram, sob pretexto de que sua filha, futuramente, teria toda sua fortuna intacta, acrescida de economias. Não, a literatura não alimentava o homem, tinha um projeto de romance que não encontrava tempo para escrever e por necessidade havia entrado no jornalismo, onde escrevinhava tudo o que podia, desde crônicas até relatórios dos tribunais e mesmo textos sobre variedades.

– Pois bem! – disse Saccard – Se eu abrir meu grande negócio, talvez precise do senhor. Então, venha me ver.

Após despedir-se, virou em uma rua atrás da Bolsa. Lá, enfim, o clamor longínquo e os grunhidos do pregão cessaram, tornaram-se apenas um rumor vago, abafado pelo burburinho da praça. Daquele lado, os degraus também estavam cobertos de gente; mas o gabinete dos corretores, cujas tapeçarias vermelhas podiam ser vistas através das janelas altas, isolava do barulho da grande sala a colunata, onde alguns especuladores, os debilitados e os ricos, haviam se sentado comodamente à sombra, alguns solitários, outros em pequenos grupos, transformando em uma espécie de clube aquele amplo peristilo ao ar livre. Aquela parte de trás do monumento parecia um pouco o reverso de um teatro, a entrada dos artistas pela rua mal frequentada e relativamente tranquila, aquela rue Notre-Dame-des-Victoires ocupada por comerciantes de vinho, cafés, cervejarias, tabernas, repletos de uma clientela especial, estranhamente mesclada. Os letreiros indicavam também as ervas daninhas, brotadas à beira da grande cloaca vizinha: companhias de seguro mal-afamadas, jornais financeiros delituosos, empresas, bancos, agências, balcões de comércio, uma série completa de modestos delinquentes, instalados em lojas ou sobrelojas, do tamanho de uma palma de mão. Nas calçadas, no meio da rua, em todo lugar, homens rondavam, esperavam, bem como no canto de um bosque.

Saccard havia parado no interior das grades, erguendo os olhos até a porta que conduzia ao gabinete dos corretores, com o olhar perspicaz de um comandante que examina, sob todos os ângulos, o lugar que pretende conquistar, quando um grandalhão que saía de uma taberna atravessou a rua e se aproximou, inclinando-se até o chão.

– Ah! Senhor Saccard, não tem nada para mim? Saí definitivamente do Crédit Mobilier, procuro uma posição.

Jantrou era um antigo professor, vindo de Bordeaux a Paris após uma história envolta em suspeita. Obrigado a deixar a universidade, desacreditado, mas um belo moço, com a barba negra em forma de leque

e uma calvície precoce, além de letrado, inteligente e amável, desembarcou na Bolsa aos vinte e oito anos e arrastou-se e perverteu-se durante dez anos como zangão, mal ganhando o dinheiro necessário para seus vícios. E naquele momento, completamente calvo, desolado como uma mulher cujas rugas ameaçassem seu ganha-pão, ainda esperava a oportunidade que o projetaria ao sucesso, à fortuna.

Saccard, ao vê-lo tão humilde, lembrou, com amargura, o cumprimento de Sabatani, no Champeaux: decididamente, só lhe restavam os pervertidos e os perdedores. Mas não deixava de respeitar a inteligência viva do moço e sabia que as tropas mais valentes se formam com os mais desesperados, os que tudo ousam, tendo tudo a ganhar. Mostrou-se bom.

– Uma posição – repetiu. – É! Pode-se achar. Venha me ver.

– Rue Saint-Lazare, agora, não é?

– Sim, rue Saint-Lazare. De manhã.

Conversaram. Jantrou estava muito indignado com a Bolsa, repetindo que era preciso ser um patife para ter sucesso, com o rancor de um homem cujas patifarias haviam sido azaradas. Acabou, queria tentar outra coisa, achava que, graças a sua cultura universitária, a seu conhecimento do mundo, poderia encontrar um belo posto na administração. Saccard aprovou com um movimento de cabeça. E, como houvessem saído de trás das grades, caminhando pela calçada até a rue Brongniart, ambos se interessaram por um cupê escuro, com atrelagem muito correta, que estava parado naquela rua, com o cavalo voltado para a rue Montmartre. Enquanto o dorso do cocheiro, empoleirado na boleia, mantinha uma imobilidade de pedra, eles observaram que a cabeça de uma mulher, por duas vezes, apareceu à porta e desapareceu rapidamente. De repente, a cabeça inclinou-se, descuidou-se, com um longo olhar de impaciência para trás, para o lado da Bolsa.

– A baronesa Sandorff – murmurou Saccard.

Era uma cabeça morena muito estranha, com olhos negros ardentes sob pálpebras lânguidas, um rosto de paixão com lábios ensanguentados,

enfeado apenas pelo nariz longo demais. Parecia bem bonita, de uma maturidade precoce aos vinte e cinco anos, com aparência de bacante vestida pelos grandes costureiros do reino.

– Sim, a baronesa – repetiu Jantrou. – Conheci-a, quando era mais jovem, na casa de seu pai, o conde de Ladricourt. Oh! Um investidor feroz, com uma brutalidade revoltante! Eu buscava suas ordens todas as manhãs, e um dia quase me bateu. Não o lamentei, quando morreu de apoplexia, arruinado, após uma série de liquidações lamentáveis... Então, a moça teve de casar com o barão Sandorff, conselheiro da Embaixada da Áustria, que tinha trinta e cinco anos a mais que ela e a quem havia positivamente enlouquecido, com seus olhares de fogo.

– Eu sei – disse simplesmente Saccard.

De novo, a cabeça da baronesa havia mergulhado no cupê. Mas, quase imediatamente, reapareceu, mais ardente, pescoço estirado, para ver mais longe, na praça.

– Ela especula, não é?

– Ah! Como uma condenada! Em todos os dias de crise pode-se vê-la aí, em seu coche, à espreita das cotações, tomando notas febrilmente em seu caderno, dando ordens... E, olhe! Esperava por Massias: eis que ele vem encontrá-la.

De fato, Massias corria a toda pressa com suas pernas curtas, cotações na mão, e viram que se reclinava sobre a porta do cupê e inclinava a cabeça por sua vez, em grande conferência com a baronesa. Depois, como os homens haviam se afastado um pouco para não serem surpreendidos em sua espionagem e o zangão retornava, sempre correndo, chamaram-no. Ele, a princípio, olhou de lado, assegurando-se de que o canto da rua o ocultava; em seguida, parou bruscamente, sem fôlego, seu rosto viçoso congestionado, alegre apesar de tudo, com seus grandes olhos azuis tão límpidos quanto os de uma criança.

– Mas o que há com eles? – gritou. – Eis Suez que desaba. Fala-se de uma guerra contra a Inglaterra. Uma notícia que os revoluciona, e que não se sabe de onde vem... Eu lhes pergunto, a guerra!? Quem poderia

ter inventado isso? A menos que isso se tenha inventado sozinho... Enfim, um verdadeiro furacão.

Jantrou piscou.

– A senhora insiste no rumo, ainda?

– Oh! Apaixonadamente! Levo suas ordens a Nathansohn.

Saccard, que escutava, fez uma reflexão em voz alta.

– Bem! É verdade, disseram-me que Nathansohn havia entrado para a *coulisse*.

– Rapaz muito amável, Nathansohn – declarou Jantrou –, e que merece o sucesso. Estivemos juntos no Crédit Mobilier... Mas o conseguirá, sim, porque é judeu. Seu pai, um austríaco, estabelecido em Besançon, relojoeiro, acho... O senhor sabe que a ideia lhe veio à cabeça, um dia, lá no Crédit, vendo como tudo isso se tramava. Pensou que não seria muito difícil, bastaria ter uma sala e abrir um guichê; e abriu um guichê... O senhor está contente, Massias?

– Oh! Contente! O senhor passou por lá, tem razão ao dizer que é preciso ser judeu; sem isso, inútil buscar compreender, não se tem o tino, é um negro azar... Que trabalho sujo! Mas lá estamos, lá ficamos. E mais, ainda tenho boas pernas, assim espero.

E partiu, correndo e rindo. Diziam que era filho de um magistrado de Lyon, coberto de indignidade, vindo à Bolsa após o desaparecimento do pai, porque não quis continuar seus estudos em direito.

Saccard e Jantrou, a passos lentos, retornaram à rue Brongniart; lá, reencontraram o cupê da baronesa; mas os vidros estavam fechados, o coche misterioso parecia vazio, enquanto a imobilidade do cocheiro parecia ainda maior, na espera que frequentemente se prolongava até a última cotação.

– Ela é diabolicamente excitante – acrescentou brutalmente Saccard.

– Compreendo o velho barão.

Jantrou deu um sorriso singular.

– Oh! O barão, faz tempo que não aguenta mais, penso. E ele é muito avarento, dizem... Então, sabe com quem ela se juntou para pagar

as contas, a especulação nunca sendo suficiente?

– Não.

– Com Delcambre.

– Delcambre, o procurador-geral! Aquele grande homem ríspido, tão amarelado, tão rígido!... Ah! Gostaria muito de vê-los juntos!

E os dois, bem contentes, bem animados, separaram-se com um forte aperto de mão, após um ter lembrado ao outro que se permitiria procurá-lo em breve.

Assim que se viu novamente só, Saccard foi reconquistado pela voz alta da Bolsa, que corria com a obstinação da maré vazante. Havia virado a esquina, descia novamente em direção à rue Vivienne, por aquele lado da praça que a ausência de cafés torna austera. Passou pela Câmara de Comércio, pela agência do correio, pelas grandes agências de publicidade, cada vez mais ensurdecido e excitado, à medida que chegava próximo à fachada principal; e, assim que pôde observar o peristilo com um olhar oblíquo, fez nova pausa, como se não quisesse ainda completar a volta da colunata, naquela espécie de investimento apaixonado em que a envolvia. Ali, na rua mais larga, a vida espalhava-se, flamejava: uma torrente de consumidores invadia os cafés, a confeitaria não se esvaziava, as vitrinas agrupavam a multidão, principalmente a de um ourives, com grandes peças de prataria reluzente. E, pelas quatro esquinas, pelos quatro cruzamentos, parecia que o rio de fiacres e pedestres aumentava, em um emaranhamento inextricável; enquanto o ponto do ônibus agravava o estorvo e os coches dos zangões, alinhados, bloqueavam a calçada quase de um extremo a outro da grade. Mas seus olhos estavam fixos nos degraus altos, onde casacas moviam-se em pleno sol. Depois, subiram em direção às colunas, à massa compacta, um enxame negro, mal aclarado pela palidez dos rostos. Todos estavam de pé, não se viam as cadeiras, e adivinhava-se o círculo que formava a *coulisse*, sob o relógio, apenas por uma espécie de burburinho, uma fúria de gestos e palavras que estremeciam o ar. À esquerda, o grupo de banqueiros ocupados em arbitragens, operações de câmbio e cheques ingleses estava

mais calmo, atravessado sem interrupção pela fila de pessoas que entrava, rumo ao telégrafo. Até sob as galerias laterais os especuladores espalhavam-se, esmagavam-se; e, entre as colunas, havia os que se apoiavam em corrimãos de ferro, encostando o ventre ou as costas, como se estivessem em casa ou no veludo de um camarote. A trepidação, o ronco de máquina a vapor, agitava a Bolsa inteira, como uma chama bruxuleante. Bruscamente, reconheceu o zangão Massias, que descia as escadas a toda pressa e depois pulou em seu coche, cujo cocheiro lançou o cavalo a galope.

Então, Saccard sentiu seus punhos cerrarem-se. Violentemente, partiu, virou na rue Vivienne e atravessou-a para chegar à esquina da rue Feydeau, onde ficava a casa de Busch. Acabava de se lembrar da carta russa que deveria levar para traduzir. Mas, ao entrar, um jovem parado diante da papelaria que ficava no térreo cumprimentou-o; ele reconheceu Gustave Sédille, filho de um fabricante de seda da rue des Jeûneurs, que o pai de Saccard havia colocado no gabinete de Mazaud para estudar o mecanismo dos negócios financeiros. Sorriu paternalmente para o jovem alto e elegante, imaginando o que fazia ali, a montar guarda. A papelaria Conin fornecia os blocos de anotações para toda a Bolsa, desde que a pequena senhora Conin passara a ajudar seu marido, o gordo Conin, o qual nunca saía dos fundos da loja, ocupado com a fabricação, enquanto ela sempre ia e vinha, servindo ao balcão, fazendo compras fora. Era roliça, loira, rósea, um verdadeiro carneirinho encaracolado, cabelos de seda pálida, muito graciosa, muito meiga e com uma alegria permanente. Gostava de seu marido, dizia-se, o que não a impedia de ser afetuosa quando algum dos clientes a agradava; mas não pelo dinheiro, unicamente pelo prazer, e somente uma vez, em uma casa amiga da vizinhança, segundo rezava a lenda. Em todo caso, os felizardos que acalentava mostravam-se discretos e reconhecidos, porque ela permanecia adorada, festejada, sem qualquer comentário maldoso a seu respeito. E a papelaria continuava a prosperar, sendo um recanto de verdadeira felicidade. Ao passar, Saccard avistou a senhora Conin, que sorria para

Gustave através dos vidros. Que belo carneirinho! Ele teve uma sensação deliciosa de carícia. Enfim, subiu.

Havia vinte anos, Busch ocupava no alto, no quinto andar, um apartamento acanhado, composto de dois quartos e uma cozinha. Nascido em Nancy, de pais alemães, desembarcou de sua cidade natal e pouco a pouco ampliou seu círculo de negócios extraordinariamente complicados, sem sentir necessidade de um escritório maior, deixando a seu irmão Sigismond o quarto da frente, contentando-se com o pequeno quarto dos fundos, onde papelada, dossiês, todo tipo de pacotes empilhavam-se a tal ponto que só cabia uma única cadeira, junto à escrivaninha. Um de seus maiores negócios era certamente o tráfico de títulos podres; centralizava-os, servia de intermediário entre a pequena Bolsa dos “Pés Molhados” e os falidos, que têm de preencher lacunas em seus balanços; também seguia as cotações, comprando às vezes diretamente, provido sobretudo pelas ações que lhe traziam. Mas, além de agiotagem e do comércio clandestino de joias e pedras preciosas, ocupava-se especialmente da compra de dívidas. Era aquilo que abarrotava o escritório até quase rachar as paredes, o que o levava aos quatro cantos de Paris, farejando, espionando, com informantes em todos os setores. Assim que tinha conhecimento de uma falência, corria, rondava o liquidante, acabava por comprar tudo o que não tivesse valor imediato. Vigia os tabeliães, esperava a abertura de sucessões difíceis, assistia às adjudicações de dívidas desesperadas. Ele próprio publicava anúncios e atraía credores impacientes que preferissem receber alguns trocados imediatamente a ter de processar seus devedores. E, dessas fontes múltiplas, chegavam papéis em verdadeiros baús, a pilha incessantemente crescente de um trapeiro de dívida: vales não pagos, contratos não executados, acreditações sem valor, compromissos não cumpridos. Então, lá dentro, começava a triagem, um golpe de foice naquele arlequim corrompido, o que exigia um faro especial, muito aguçado. Em semelhante mar de devedores desaparecidos ou insolventes, era preciso fazer uma escolha para não dissipar excessivamente seu

esforço. Em princípio, professava que toda dívida, mesmo a mais comprometida, poderia tornar-se boa, e tinha uma série de dossiês admiravelmente classificados, aos quais correspondia um índice de nomes, que lia de vez em quando para refrescar a memória. Mas, entre os insolventes, seguia naturalmente mais de perto os que tinham chance de fortuna próxima: sua pesquisa desnudava as pessoas, penetrava os segredos das famílias, anotava os parentescos ricos e os meios de existência, sobretudo os novos empregos, que permitiriam uma penhora. Durante anos, frequentemente deixava um homem madurar para estrangulá-lo ao primeiro sucesso. Quanto aos devedores desaparecidos, esses o interessavam ainda mais, lançavam-no em uma febre de pesquisas contínuas, de olho nos anúncios e nos nomes que os jornais imprimiam, caçando os endereços como cães caçam a presa. E, assim que os apanhava, os desaparecidos e os insolventes, tornava-se feroz, devorava-os crus e esvaziava-os até sangrarem, tirando cem francos pelo que havia pagado dez soldos, ao explicar brutalmente seus riscos de especulador, obrigado a ganhar dos que agarrava aquilo que supunha perder dos que lhe escapavam entre os dedos, como fumaça.

Naquela caça aos devedores, Méchain era uma das ajudantes que Busch mais gostava de empregar; porque, embora precisasse de uma pequena horda de batedores sob seu comando, vivia desconfiado de seu pessoal, mal-afamado e faminto; ao passo que Méchain era abastada, possuía uma vila inteira atrás da colina Montmartre, a Vila de Nápoles, um vasto terreno recoberto de casebres deteriorados que alugava por mês; um canto de miséria pavorosa, com mortos de fome amontoados no lixo, chiqueiros que eram disputados e de onde ela expulsava sem dó os inquilinos com suas imundícies, se deixassem de pagar. O que a devorava, e corroía-lhe os lucros de sua vila, era a maldita paixão pela especulação. Ela também apreciava as chagas do dinheiro, das ruínas, dos incêndios, em que se pudesse furtar joias fundidas. Quando Busch a encarregava de uma informação a ser conseguida ou de desalojar um devedor, ela usava por vezes seu próprio dinheiro, gastava pelo prazer.

Dizia-se viúva, mas ninguém havia conhecido seu marido. Não se sabia de onde provinha e parecia ter cinquenta anos desde sempre, exuberante, com sua voz fina de menina.

Naquele dia, assim que Méchain se sentou na única cadeira, o escritório ficou repleto, como se estivesse vedado por aquele último monte de carne, desabado naquele lugar. Diante da escrivaninha, Busch, aprisionado, parecia soterrado, emergindo apenas sua cabeça quadrada acima do mar de dossiês.

– Aqui está – disse ela, tirando da velha bolsa a enorme quantidade de papéis que a abarrotava –, o que Fayeux me envia de Vendôme... Comprou tudo para o senhor, na falência de Charpier que o senhor havia me dito para avisá-lo... Cento e dez francos.

Fayeux, que ela chamava de primo, acabara de abrir lá um escritório de cobrança de dividendos. Seu negócio declarado era receber os cupons dos pequenos investidores da região; e, depositário desses cupons e do dinheiro, jogava freneticamente na Bolsa.

– Não vale grande coisa, a província – murmurou Busch –, mas ainda assim pode haver algum achado.

Ele farejava os papéis, pelo cheiro já os triava com a mão experiente, classificava-os por alto segundo uma primeira estimativa. Seu rosto achatado ficou sombrio e ele fez uma careta desapontada.

– Hum! Não há nada suculento, nada a abocanhar. Felizmente, não custou caro... Aqui estão as cédulas... Mais cédulas... Se forem jovens e vierem a Paris, talvez os apanhemos...

Mas deu uma leve exclamação de surpresa.

– Olhe! O que é isso?

Havia acabado de ler, embaixo de uma folha de papel timbrado, a assinatura do conde de Beauvilliers, e a folha só continha três linhas de uma grande caligrafia senil: “Eu me comprometo a pagar a soma de dez mil francos à senhorita Léonie Cron, no dia de sua maioridade”.

– O conde de Beauvilliers – continuou lentamente, pensando em voz alta –, sim, ele teve fazendas, uma grande propriedade na região de

Vendôme... Morreu em um acidente de caça, deixou esposa e dois filhos em dificuldades. Já tive cédulas dele uma outra vez, que pagaram com muito custo... Um farsante, um indivíduo à toa...

De repente, deu uma grande gargalhada ao recompor a história.

– Ah! O velho safado, foi ele que desgraçou a garota! Ela não queria e ele convenceu-a com esse pedaço de papel, sem valor legal. Daí, morreu... Vejamos, datado de 1854, há dez anos. A moça deve ser maior, que diabo! Como essa declaração poderia estar nas mãos de Charpier?... Um mercador de ninharias, esse Charpier, que fazia empréstimos por semana. Provavelmente a moça deixou-lhe isso como garantia por algumas moedas; ou talvez ele haja se encarregado da cobrança...

– Mas – interrompeu Méchain – é ótimo, um belo golpe!

Busch encolheu desdenhosamente os ombros.

– Eh! Não, asseguro-lhe que, em direito, isto não vale nada... Se eu apresentar isto aos herdeiros, podem me mandar passear, porque seria necessário provar que o dinheiro é realmente devido... No entanto, se encontrarmos a moça, espero convencê-los a serem gentis, entenderem-se conosco, para evitar um escândalo desagradável... Compreende? Procure essa Léonie Cron, escreva a Fayeux para que a descubra por lá. Em seguida, veremos se dá para rir.

Havia dividido os papéis em duas pilhas, que se encarregaria de examinar detalhadamente quando estivesse só, e permanecia imóvel, com as mãos abertas, uma sobre cada pilha.

Após um silêncio, Méchain recomeçou:

– Ocupei-me das cédulas de Jordan... Pensei que houvesse encontrado nosso homem. Arrumou emprego em algum lugar, escreve atualmente nos jornais. Mas somos tão mal recebidos nos jornais, recusam-se a dar os endereços. E, além do mais, acredito que não assine os artigos com seu verdadeiro nome.

Sem nada dizer, Busch havia estendido o braço para apanhar, em seu arquivo alfabético, o dossiê Jordan. Eram seis cédulas de cinquenta

francos, datadas de cinco anos atrás e escalonadas de mês em mês, uma soma total de trezentos francos que o jovem havia assinado para um alfaiate nos dias de miséria. Não saldadas em seu vencimento, haviam incorporado juros enormes, e o dossiê transbordava com documentos legais formidáveis. Naquele momento, a dívida atingia setecentos e trinta francos e quinze centavos.

– Sim, é um rapaz de futuro – murmurou Busch –, nós o pegaremos um dia.

Em seguida, decerto fez uma associação de ideias e exclamou:

– Então, diga, o caso Sicardot, nós o abandonamos?

Méchain elevou aos céus seus grandes braços desanimados. Toda a sua pessoa monstruosa teve um espasmo de desespero.

– Ah! Deus Senhor! – gemeu com sua voz de falsete – Eu morreria por isso!

O caso Sicardot era uma história romanesca que ela gostava de contar. Uma de suas jovens primas, Rosalie Chavaille, filha tardia de uma irmã de seu pai, havia sido violentada aos dezesseis anos, uma noite, nos degraus da escada de uma casa da rue de la Harpe, onde ela e sua mãe ocupavam um pequeno cômodo no sexto andar. O pior era que o cavalheiro, um homem casado, recém-chegado, oito dias antes, com sua esposa, a um quarto sublocado por uma senhora do segundo andar, havia se mostrado tão carinhoso que a pobre Rosalie, arremessada por uma mão excessivamente resoluta contra o canto de um degrau, havia machucado o ombro. Daí a justa indignação da mãe, que quase fez um terrível escândalo, apesar das lágrimas da garota, que confessou ter aceitado, que fora um acidente e que ficaria muito triste se prendessem o cavalheiro. Então, a mãe calou-se e contentou-se em exigir dele uma soma de seiscentos francos, dividida em doze cédulas, cinquenta francos por mês, durante um ano; e não havia sido um mau acordo, era mesmo modesto, porque sua filha, que terminava o aprendizado de costureira, não ganhava mais nada pois estava doente, acamada, custando caro, sendo tão malcuidada que os músculos do braço ficaram contraídos e ela

acabou aleijada. Antes do fim do primeiro mês, o cavalheiro havia desaparecido, sem deixar endereço. E as desgraças continuaram, golpeando forte como o granizo: Rosalie deu à luz um menino, perdeu a mãe, caiu na vida suja, na negra miséria. Alojada na Vila de Nápoles, na casa da prima-sobrinha, havia vagado pelas ruas até os vinte e seis anos, sem poder servir-se do braço, às vezes vendendo limões no mercado de Halles, desaparecendo durante semanas com homens que a devolviam bêbada e com o corpo coberto de hematomas. Enfim, no ano anterior, tivera a sorte de morrer, após uma surra mais perigosa que as outras. E Méchain teve de cuidar da criança, Victor; só sobraram daquela aventura as doze cédulas não pagas, assinadas por Sicardot. Nunca se soube mais que isso: o cavalheiro chamava-se Sicardot.

Com um novo gesto, Busch pegou o dossiê Sicardot, uma pasta fina de papel cinza. Nenhum pagamento havia sido feito, lá estavam as doze cédulas.

– Ainda se Victor fosse gentil! – explicava lamentavelmente a velha. – Mas, imagine, uma criança horrorosa... Ah! É difícil receber semelhante herança, um menino que acabará no cadafalso e esses pedaços de papel dos quais nunca conseguirei nada!

Busch mantinha os grandes olhos azuis pálidos obstinadamente fixos nas cédulas. Tantas vezes as havia examinado assim, esperando descobrir algum indício em um detalhe despercebido, na forma das letras ou até no tipo de papel! Achava que aquela letra pontiaguda e fina não lhe era desconhecida.

– É curioso – repetiu uma vez mais –, já vi com certeza *a* e *o* como estes, tão alongados que parecem *i*.

Bem naquela hora, bateram à porta; pediu a Méchain que estendesse o braço para abri-la, porque o quarto dava diretamente na escada. Era preciso atravessá-lo para chegar ao outro, ao que tinha vista para a rua. Quanto à cozinha, um cubículo sem ar, estava do outro lado do patamar.

– Entre, senhor.

E foi Saccard quem entrou. Sorria, divertido interiormente com a placa de cobre pregada à porta, contendo em grandes letras negras a palavra “Contenciosos”.

– Ah! Sim, senhor Saccard, o senhor vem para a tradução... Meu irmão está ali, no outro quarto... Entre, entre, por favor.

Mas Méchain obstruía completamente a passagem e observava o recém-chegado com o ar cada vez mais surpreso. Foi necessária uma manobra complexa: ele recuou até a escada, ela saiu, espremendo-se no patamar, de modo que ele pudesse entrar e chegar ao cômodo vizinho, onde desapareceu. Durante aqueles movimentos complicados, ela não desprendeu os olhos dele.

– Oh! – suspirou, ofegante –, esse senhor Saccard, nunca o tinha visto de tão perto... Victor é exatamente o retrato dele.

Busch, no início sem compreender, olhava para ela. Então, fez-se uma súbita revelação, e ele blasfemou em surdina.

– Nome de Deus! É isso, eu bem sabia que havia visto isso antes!

E, desta vez, levantou-se, remexeu os dossiês e acabou por encontrar uma carta que Saccard lhe havia escrito, no ano precedente, para pedir-lhe um prazo, em benefício de uma dama insolvente. Vivamente, comparou a caligrafia dos vales com a da carta: eram exatamente os mesmos *a* e os mesmos *o*, que se tornaram ainda mais pontiagudos com o tempo; e também havia uma semelhança evidente nas maiúsculas.

– É ele, é ele – repetia. – Vejamos, então, por que Sicardot, por que não Saccard?

Mas, em sua memória, despertava uma história confusa, o passado de Saccard, que um corretor chamado Larsonneau, agora milionário, havia lhe contado: Saccard chegando a Paris, no dia seguinte do golpe de Estado, vindo explorar o poder nascente de seu irmão Rougon, e de início sua miséria nas ruas escuras do antigo Quartier Latin, seguida de sua rápida fortuna, graças a um casamento suspeito, assim que teve a sorte de enterrar a mulher. Foi durante aquele começo difícil que mudou

o sobrenome de Rougon para Saccard, modificando simplesmente o sobrenome dessa primeira esposa, que se chamava Sicardot.

– Sim, sim, Sicardot, lembro-me perfeitamente – murmurou Busch. – Teve o atrevimento de assinar as cédulas com o nome de sua mulher. Provavelmente o casal havia declarado esse nome, ao chegar na rue de la Harpe. E depois o safado tomava todo tipo de precaução, devia mudar ao menor sinal de alarme... Ah! Ele não só caçava moedas, também violentava as meninas nas escadas! É estúpido, isso acabará por lhe pregar uma peça cruel.

– Psiu! Psiu! – continuou Méchain. – Nós o pegamos, pode-se dizer que existe um bom Deus! Enfim vou ser recompensada por tudo que fiz por esse pobre Victor, que eu amo, veja, embora ele seja insuportável.

Estava radiante, seus olhos estreitos cintilavam na gordura derretida de seu rosto.

Mas Busch, após a febre momentânea daquela solução, há muito procurada, que o acaso lhe trazia, acalmava-se com a reflexão e sacudia a cabeça. Com certeza Saccard, embora arruinado no momento, ainda era uma bela presa. Poderiam ter achado um pai menos vantajoso. Ele, porém, não se deixaria atacar, tinha presas fortes. Fora isso, o quê? Certamente não sabia que tinha um filho, poderia negá-lo apesar daquela semelhança extraordinária que assombrava Méchain. Além do mais, estava viúvo pela segunda vez, livre, não devia explicações sobre seu passado a ninguém, de modo que, mesmo que reconhecesse a criança, nenhum temor, nenhuma ameaça poderia ser utilizada contra ele. Quanto a obter só seiscentos francos pelas cédulas, seria muito miserável, não valeria a pena ter sido tão miraculosamente ajudado pelo acaso. Não, não! Era preciso refletir, cultivar aquilo, encontrar o meio de ceifar a colheita em plena maturidade.

– Não nos apressemos – concluiu Busch. – Além disso, ele está no chão, deixemos que ele tenha tempo de reerguer-se.

E, antes de se despedir de Méchain, acabou de examinar com ela os pequenos negócios de que a havia encarregado, uma moça que havia

penhorado suas joias por um amante, um genro cuja dívida seria paga pela sogra, sua amante, se soubessem conduzir o caso, enfim, as mais delicadas variedades de cobrança, tão complexas e tão difíceis, das dívidas.

Saccard, ao entrar no quarto vizinho, ficou ofuscado durante alguns segundos pela claridade brilhante da janela, com vidraças ensolaradas, sem cortinas. Aquele cômodo, revestido de papel claro com florezinhas azuis, estava nu: havia simplesmente uma pequena cama de ferro em um canto, uma mesa de pinho no meio e duas cadeiras de palha. Ao longo da divisória à esquerda, duas prateleiras mal aplainadas serviam de biblioteca, repletas de livros, brochuras, jornais e papéis de vários tipos. Mas a grande luz do céu, no alto, dava àquela nudez uma alegria de juventude, um riso de frescor ingênuo. E o irmão de Busch, Sigismond, um rapaz de trinta e cinco anos, imberbe, com cabelos castanhos, longos e escassos, encontrava-se ali, sentado à mesa, sua testa larga e proeminente apoiada em sua mão magra, tão absorto na leitura de um manuscrito que nem virou a cabeça, por não ter ouvido a porta se abrir.

Era de uma inteligência, esse Sigismond, educado em universidades alemãs, e que, além do francês, sua língua materna, falava alemão, inglês e russo. Em 1849, em Colônia, havia conhecido Karl Marx e tornara-se o redator mais amado de sua *Nova Gazeta Renana*; e, desde aquela época, sua religião definiu-se, professava o socialismo com uma fé ardente, tendo entregue toda sua pessoa à ideia de uma renovação social próxima, que deveria assegurar a felicidade dos pobres e dos humildes. Desde que seu mestre, que fora banido da Alemanha e forçado a exilar-se de Paris após as Jornadas de Junho, vivia em Londres, escrevendo, esforçando-se para organizar o partido, ele, por sua vez, passou a vegetar, em seus sonhos, a tal ponto desinteressado da vida material que teria certamente morrido de fome se o irmão não o tivesse acolhido na rue Feydeau, perto da Bolsa, dando-lhe a ideia de utilizar seu conhecimento de línguas para estabelecer-se como tradutor. Esse irmão mais velho adorava com uma paixão maternal o caçula, um lobo feroz com os devedores, capaz de

roubar dez centavos em meio ao sangue de um homem, mas logo enternecido até as lágrimas, com uma ternura apaixonada e minuciosa de mulher, por esse grande rapaz distraído que permaneceu criança. Deu-lhe o belo quarto de frente, servia-o como uma criada, sustentava a estranha família, varrendo, arrumando as camas, ocupando-se da alimentação, que um pequeno restaurante das imediações trazia duas vezes ao dia. Ele, tão ativo, com a cabeça abarrotada de mil negócios, tolerava o irmão ocioso, porque as traduções não avançavam, estorvadas por trabalhos pessoais; e até mesmo proibia-o de trabalhar, inquieto com uma pequena tosse ruim; e, apesar de seu rude amor pelo dinheiro, sua cupidez assassina que colocava na conquista do dinheiro a única razão de viver, sorria indulgentemente para as teorias do revolucionário, cedendo-lhe o capital como um brinquedo de criança, pronto para vê-lo quebrar.

Sigismond, por seu lado, sequer imaginava o que o irmão fazia no cômodo vizinho. Ignorava todo aquele negócio medonho de títulos podres e de compra de dívidas, vivia mais alto, em um sonho soberano de justiça. A ideia de caridade agredia-o, punha-o fora de si: a caridade era a esmola, a desigualdade consagrada pela bondade; e ele só admitia a justiça, os direitos de cada um reconquistados, assumidos como princípios imutáveis da nova organização social. Assim, tal como Karl Marx, com quem mantinha uma contínua correspondência, consumia seus dias a estudar aquela organização, modificando, melhorando sem parar, no papel, a sociedade de amanhã, cobrindo de números páginas imensas, fundamentando na ciência os andaimes complexos da felicidade universal. Retirava o capital de alguns para reparti-lo entre todos os demais, movimentava bilhões, deslocava com um traço de caneta a fortuna do mundo; e isso naquele quarto nu, sem outra paixão além de seu sonho, sem necessidade de prazer, com tamanha frugalidade que seu irmão precisava se zangar para que ele bebesse vinho e comesse carne. Pretendia que o trabalho de cada homem, medido conforme suas forças, assegurasse a satisfação de suas necessidades: ele próprio matava-se no trabalho e vivia de nada. Um verdadeiro sábio, muito doce e muito puro,

exaltado no estudo, afastado da vida material. Desde o último outono, tossia cada vez mais, a tísica invadia-o, sem que se dignasse a dar-se conta e a tratar-se.

Mas Saccard fez um movimento e Sigismond enfim levantou seus grandes olhos vagos e surpreendeu-se, embora conhecesse o visitante.

– É uma carta para traduzir.

A surpresa do jovem aumentava, porque havia desencorajado os clientes, os banqueiros, os especuladores, os corretores, toda aquela gente da Bolsa, que recebe, em particular da Inglaterra e da Alemanha, uma correspondência numerosa, circulares e estatutos de empresas.

– Sim, uma carta em russo. Oh! Dez linhas apenas.

Então, estendeu a mão; o russo havia permanecido sua especialidade, somente ele traduzia-o fluentemente, entre os outros tradutores do bairro, que viviam do alemão e do inglês. A raridade de documentos russos no mercado de Paris explicava seus longos períodos de inatividade.

Em voz alta, leu a carta em francês. Era, em três frases, uma resposta favorável de um banqueiro de Constantinopla, um simples sim, em um negócio.

– Ah! Obrigado – exclamou Saccard, que parecia encantado.

E pediu para Sigismond escrever as poucas linhas da tradução no verso da carta. Mas este teve um terrível acesso de tosse, que abafou em um lenço para não incomodar o irmão, que acorria, quando o ouvia tossir assim. Depois, passada a crise, levantou-se, foi abrir a janela de par em par, ofegante, querendo respirar ar livre. Saccard, que o havia seguido, olhou para fora e deu uma leve exclamação.

– Olhe! O senhor vê a Bolsa. Oh! Como é engraçada, vista daqui!

Com efeito, nunca a havia visto sob aquele ângulo tão especial, como em um voo de pássaro, com as quatro vastas placas de zinco inclinadas de seu teto, extraordinariamente grandes, das quais uma floresta de canos se eriçava. As pontas dos para-raios, semelhantes a lanças gigantescas, ameaçavam o céu. E o monumento propriamente dito nada mais era que um cubo de pedra, estriado regularmente por colunas, um cubo cinza

sujo, nu e feio, coroado por uma bandeira em trapos. Mas sobretudo os degraus e o peristilo o surpreendiam, salpicados de formigas negras, um formigueiro inteiro em revolução, agitando-se, entregando-se a uma movimentação enorme, que não se explicava quando vista do alto e que causava pena.

– Como tudo isso fica pequeno! – acrescentou. – Diria que se pode apanhá-los todos, com uma só mão.

Em seguida, conhecendo as ideias de seu interlocutor, acrescentou, rindo:

– Quando os senhores vão limpar tudo isso com um pontapé?

Sigismund encolheu os ombros.

– Para quê? Os senhores destroem uns aos outros tão bem.

E, pouco a pouco, animou-se, e transbordaram as ideias que lhe tomavam. Uma necessidade de proselitismo levava-o, ao menor pretexto, à exposição de seu sistema.

– Sim, sim, os senhores trabalham para nós, sem perceberem... Os senhores estão lá, alguns usurpadores que expropriam o povo, e, quando estiverem empanturrados, só teremos de expropriá-los por nossa vez... Todo acúmulo, toda centralização, conduz ao coletivismo. Os senhores dão-nos uma lição prática, assim como as grandes propriedades que absorvem lotes de terra, os grandes produtores que devoram os operários crus, os grandes bancos e as grandes lojas, que matam toda a concorrência, engordando com a ruína dos pequenos bancos e das pequenas lojas, são um caminho lento, mas certo, em direção ao novo estado social... Esperamos que tudo quebre, que o modo de produção atual conduza a um mal-estar intolerável em suas últimas consequências. Então, os próprios burgueses e camponeses nos ajudarão.

Saccard, interessado, encarava-o com uma vaga inquietude, embora o tomasse por louco.

– Mas, afinal, explique-me, o que é seu coletivismo?

– O coletivismo é a transformação dos capitais privados, que vivem das lutas da concorrência, em um capital social unitário, explorado pelo

trabalho de todos... Imagine uma empresa em que os instrumentos de produção sejam a propriedade de todos, em que todos trabalhem conforme sua inteligência e seu vigor, e em que os produtos dessa cooperação social sejam distribuídos entre todos, em *pro rata* de seu esforço. Nada mais simples, não é? Uma produção comum nas fábricas, canteiros de obras, oficinas da nação; depois, uma troca, um pagamento *in natura*. Se houver excedente de produção, é colocado em depósitos públicos, de onde é passível de ser retomado para suprir os déficits que possam acontecer. É um equilíbrio a construir... E, com um golpe de machado, derruba-se a árvore podre. Sem concorrência, sem capital privado, ou seja, sem negociações de espécie alguma, sem comércio, nem mercados, nem Bolsa. A ideia de lucro não faz mais nenhum sentido. Secam as fontes de especulação, de renda obtida sem trabalho.

– Oh! Oh! – interrompeu Saccard – Isso mudaria diabolicamente os hábitos de muita gente! Mas os que têm renda hoje, o que farão com eles?... Gundermann, digamos, vão pegar seu bilhão?

– De forma alguma, não somos ladrões. Comprariamos seu bilhão, todas as suas ações, suas obrigações, com títulos de participação, divididos em anuidades. E imagine esse capital imenso substituído assim por uma riqueza sufocante de meios de consumo: em menos de cem anos, os descendentes do seu Gundermann estariam reduzidos, como todos os cidadãos, ao trabalho pessoal; pois as anuidades finalmente se esgotariam, e não poderiam capitalizar suas economias forçadas, o excedente dessa avalanche de provisões, mesmo admitindo que o direito de herança se mantenha intacto... Digo-lhe que isso elimina, de um só golpe, não apenas os negócios individuais, as sociedades acionárias, as associações de capital privado, mas também todas as fontes indiretas de renda, todos os sistemas de crédito, empréstimo, aluguel, arrendamento rural... Só resta o trabalho como medida de valor. O salário será naturalmente suprimido, pois não é, no estado capitalista atual, o equivalente ao produto exato do trabalho, visto que não representa nunca o que é estritamente necessário ao trabalhador para seu sustento

cotidiano. É preciso reconhecer que o estado atual é o único culpado, que o mais honesto dos patrões é forçado a seguir a dura lei da concorrência, a explorar seus operários, se quiser sobreviver. É nosso sistema social inteiro que precisa ser destruído... Ah! Gundermann sufocado sob o peso de seus títulos de participação! Os herdeiros de Gundermann sem conseguir abocanhar tudo, obrigados a dar aos outros e a pegar a pá ou a ferramenta, como os camaradas!

E Sigismond deu uma risada ingênua de criança na recreação, sempre de pé, perto da janela, os olhos na Bolsa, onde se agitava o formigueiro negro da especulação. Rubores ardentes subiam a seu rosto, não tinha outra diversão a não ser imaginar as alegres ironias da justiça de amanhã.

O mal-estar de Saccard havia crescido. E se aquele sonhador acordado dissesse a verdade? Se tivesse adivinhado o futuro? Explicava coisas que pareciam muito claras e sensatas.

– Ora! – murmurou, para tranquilizar-se – Nada disso acontecerá no ano que vem.

– Certamente! – prosseguiu o jovem, novamente sério e cansado. – Estamos no período transitório, no período de agitação. Talvez haja violências revolucionárias, frequentemente são inevitáveis. Mas os exageros, os descontroles, são passageiros... Oh! Não escondo as grandes dificuldades imediatas. Todo esse futuro sonhado parece impossível, não se consegue transmitir aos outros uma ideia razoável dessa sociedade futura, essa sociedade de trabalho justo, cujos costumes serão tão diferentes dos nossos. É como outro mundo em outro planeta... Além do mais, é preciso confessar: a reorganização não está pronta, ainda pesquisamos. Eu, que nem durmo mais, dedico minhas noites a isso. Por exemplo, é certo que podem nos dizer: “Se as coisas são o que são, é porque a lógica dos fatos humanos as fez assim”. Então, que esforço seria reconduzir o rio à fonte e desviá-lo para outro vale!... Com certeza, o estado social atual deve a sua prosperidade secular ao princípio individualista, em que a emulação, o interesse pessoal, desperta uma fecundidade de produção incessantemente renovada. Poderá o

coletivismo chegar um dia a essa fecundidade, e por qual meio incentivar a função produtiva do trabalhador, quando a ideia de lucro for destruída? Aí está, para mim, a dúvida, a angústia, o ponto fraco que precisamos combater, se quisermos que a vitória do socialismo aconteça um dia... Mas venceremos, porque somos a justiça. Veja! Veja esse monumento diante do senhor... O senhor o vê?

– A Bolsa? – diz Saccard. – Diabo! Sim, eu a vejo!

– Pois bem! Seria estúpido destruí-la, porque a reconstruiriam em outro lugar... No entanto, eu prevejo que ela desaparecerá por si mesma, quando o Estado a tiver expropriado, transformado no banco único e universal da nação; e, quem sabe, servirá então de entreposto público para nossa riqueza excedente, um dos celeiros de abundância em que nossos netos encontrarão o luxo de seus dias de festa!

Com um gesto amplo, Sigismond descortinava esse futuro de felicidade geral e comum. Havia se exaltado tanto que um novo acesso de tosse o abalou, levando-o de volta a sua mesa, com os cotovelos entre seus papéis, a cabeça entre as mãos, para abafar o estertor irrompido de sua garganta. Mas, dessa vez, não se acalmava. Bruscamente, abriu-se a porta e Busch correu, tendo se despedido de Méchain, ar transtornado, sofrendo ele próprio com aquela tosse abominável. Rapidamente, curvou-se, tomando o irmão nos braços como a uma criança cuja dor se acalenta.

– Vamos, meu querido, o que ainda o sufoca? Sabe, vou chamar o médico. Não é sensato... Falou demais, com certeza.

Dava olhares oblíquos para Saccard, que permanecia parado no meio do quarto, profundamente impressionado pelo que acabava de ouvir da boca daquele grande diabo, tão apaixonado e tão doente, que de sua janela, lá em cima, devia jogar uma maldição sobre a Bolsa, com suas histórias de tudo demolir para tudo reconstruir.

– Obrigado, vou embora – disse o visitante, apressado em sair. – Envie-me a carta, com as dez linhas de tradução... aguardo outras, acertaremos tudo junto.

Mas como a crise houvesse passado, Busch ainda o reteve por um minuto.

– A propósito, a senhora que estava aqui há pouco conheceu o senhor há tempos, oh!, de longa data.

– Ah! De onde?

– Rue de la Harpe, em 1852.

Por mais que fosse senhor de si, Saccard empalideceu. Um tique nervoso crispou-lhe a boca. Não que se lembrasse, na hora, da menina violentada na escadaria: nem sabia que havia engravidado, ignorava a existência da criança. Mas a lembrança dos anos miseráveis de seu começo lhe era sempre desagradável.

– Rue de la Harpe, oh! Só morei lá durante oito dias, quando cheguei, foi o tempo de procurar um apartamento... Até logo!

– Até logo! – respondeu Busch, que se enganou, vendo uma confissão naquele embaraço, e que já pensava de que maneira grandiosa exploraria a aventura.

De novo na rua, Saccard retornou maquinalmente para a praça da Bolsa. Estava trêmulo, nem sequer olhou para a pequena senhora Conin, cujo belo rosto loiro sorria à porta da papelaria. Na praça, a agitação havia aumentado, o clamor da especulação fustigava as calçadas apinhadas de gente, com a violência desenfreada de uma maré alta. Era a gritaria das quinze para as três, a batalha das últimas cotações, o furor de saber quem sairia com as mãos cheias. E, em pé, na esquina da rue de la Bourse, em frente ao peristilo, pensou reconhecer, no tumulto confuso sob as colunas, o baixista Moser e o altista Pillerault, em discussão; enquanto imaginava ouvir, do fundo da grande sala, a voz aguda do corretor Mazaud, recoberta em alguns momentos pelos gritos de Nathansohn, sentado sob o relógio, na *coulisse*. Mas um coche rente à sarjeta quase o esborrifou com lama. Massias desceu, antes mesmo que o cocheiro parasse, subiu os degraus de um salto, trazendo sem fôlego a última ordem de um cliente.

E ele, sempre imóvel e em pé, olhos fixos na confusão, lá em cima, ruminava sua vida, obcecado pela lembrança do começo, que a pergunta de Busch acabava de despertar. Lembrava-se da rue de la Harpe, depois da rue Saint-Jacques, onde havia arrastado suas botas engraxadas de aventureiro ambicioso, chegado a Paris para conquistá-la; e enfureceu-se com a ideia de que ainda não a havia assujeitado, que estava outra vez no chão, espreitando a fortuna, insaciado, torturado por tamanha sede de prazeres, que nunca havia sofrido tanto. Aquele louco Sigismond dizia com razão: o trabalho não pode fazer viver, os miseráveis e os imbecis trabalham somente para enriquecer os outros. Só existia a especulação, a especulação que, da noite para o dia, dá em um só golpe bem-estar, luxo, a vida grandiosa, a vida inteira. Se aquele velho mundo social fosse desabar um dia, poderia um homem como ele ainda encontrar tempo e lugar para satisfazer seus desejos antes do desabamento?

Mas um passante acotovelou-o, sem sequer se voltar para pedir desculpas. Reconheceu Gundermann, que fazia sua pequena caminhada em prol da saúde, e viu que entrava em uma confeitaria, onde o rei do ouro comprava às vezes uma caixa de bombons no valor de um franco para suas netas. E aquela cotovelada, naquele minuto, na febre que o invadia, desde que rondava daquela forma em torno da Bolsa, foi a chicotada, o derradeiro impulso que o convenceu. Havia terminado de sitiá-la praça, iniciaria o assalto. Era o juramento de uma luta sem mercê: não deixaria a França, enfrentaria seu irmão, jogaria a cartada suprema, uma batalha de terrível audácia que poria Paris a seus pés, ou que o jogaria na sarjeta, destroçado.

Até o fechamento, Saccard perseverou, de pé, em seu posto de observação e de ameaça. Viu o peristilo esvaziar-se, os degraus cobrirem-se com a lenta debandada de toda aquela gente irritada e exausta. Em torno dele, continuava o congestionamento da rua e das calçadas, um fluxo ininterrupto de gente, a eterna multidão a explorar, os acionistas de amanhã, que não podiam passar diante daquela grande loteria da especulação sem virar a cabeça, no desejo ou no temor do que se fazia lá,

aquele mistério das operações financeiras, tanto mais sedutor para os cérebros franceses por serem tão poucos entre eles que o penetram.

[a] *Corbeille* era o termo adotado na Bolsa para designar o espaço ocupado pelos corretores autorizados. *Coulisse* se referia, até 1961, aos bastidores da Bolsa de Paris, ocupados por um mercado paralelo. (N. T.)

[b] Eleição ocorrida em 1864 para preenchimento de duas cadeiras de deputado por Paris. (N. E.)

[c] No original, *sous*, moeda que equivalia a um vigésimo de franco. (N. E.)

[d] Nos edifícios da Paris haussmanniana, afora as águas-furtadas, o quinto e mais elevado andar era o menos valorizado. (N. E.)

II

Após seu último e desastroso negócio de terrenos, quando Saccard teve de deixar a mansão do parc Monceau, que abandonou aos credores para evitar uma catástrofe maior, sua primeira ideia havia sido refugiar-se na casa de seu filho Maxime. Este, após a morte da esposa, que descansava em um pequeno cemitério da Lombardia, ocupava sozinho uma residência na avenue de l'Impératrice, onde havia organizado a vida com sábio e feroz egoísmo; ali consumia a fortuna da morta, sem um erro sequer, como rapaz de saúde frágil que o vício havia precocemente amadurecido; e, com voz firme, recusou-se a acolher o pai, para continuarem ambos a viver em harmonia, explicou com ar sorridente e prudente.

Então, Saccard pensou em outro refúgio. Estava prestes a alugar uma pequena casa em Passy, asilo burguês de comerciante aposentado, quando se lembrou de que o térreo e o primeiro andar da mansão d'Orviedo, na rue Saint-Lazare, ainda não estavam ocupados, portas e janelas fechadas. A princesa d'Orviedo, instalada em três cômodos do segundo andar desde a morte do marido, sequer havia inscrito seu nome na porta-cocheira, invadida pelo mato. Uma porta baixa, na outra extremidade da fachada, conduzia ao segundo andar, por uma escada de serviço. E muitas vezes, no curso de relações de negócios com a princesa, durante as visitas que lhe fazia, havia se surpreendido com a negligência que ela demonstrava em tirar partido conveniente de seu imóvel. Mas ela meneava a cabeça, tinha ideias próprias sobre assuntos de dinheiro. Entretanto, quando ele se apresentou para alugar em seu próprio nome, consentiu imediatamente, cedeu-lhe por um aluguel irrisório de dez mil

francos esse térreo e esse primeiro andar suntuosos, uma instalação principesca, que certamente valia o dobro.

Todos se lembravam do luxo ostentado pelo príncipe d'Orviedo. Foi no entusiasmo febril de sua imensa fortuna financeira, quando chegou da Espanha, desembarcando em Paris em meio a uma chuva de milhões, que havia comprado e restaurado esse imóvel, à espera do palácio de mármore e ouro no qual sonhava deslumbrar o mundo. A construção datava do século anterior, uma dessas residências secundárias, construídas no meio de vastos jardins por algum cavalheiro galante; mas, em parte demolida, reformada em proporções mais austeras, só conservava de seu antigo parque um pátio amplo rodeado por cavalariças e depósitos, que a rua projetada, du Cardinal Fesch, decerto acabaria por expropriar. O príncipe comprou a mansão do espólio de uma senhorita Saint-Germain, cuja propriedade se estendia em outros tempos até a rue des Trois-Frères, antiga continuação da rue Taitbout. Aliás, o imóvel conservava sua entrada na rue Saint-Lazare, lado a lado com uma grande construção da mesma época, a Folie-Beauvilliers de outrora, que os Beauvilliers ainda ocupavam, após uma ruína lenta; e eles possuíam restos de um jardim admirável, árvores magníficas, também condenadas a desaparecer na próxima reviravolta do bairro.

Em meio a seu desastre, Saccard arrastava um séquito de servidores, resquícios de sua numerosa criadagem, um camareiro, um *chef* e sua esposa, encarregada da lavanderia, outra mulher mantida não se sabe por quê, um cocheiro e dois moços de estrebaria; e ele abarrotou as cavalariças e os depósitos, colocou dois cavalos, três coches, instalou no térreo um refeitório para seus empregados. Era o homem que não tinha quinhentos francos líquidos em caixa, mas vivia com despesas de duzentos ou trezentos mil francos ao ano. Também achou meios de ocupar com a sua pessoa o vasto apartamento do primeiro andar, três salões, cinco dormitórios, sem contar a imensa sala de jantar, onde caberia uma mesa de cinquenta lugares. Ali, antigamente, abria-se uma porta que dava para uma escada interna, conduzindo ao segundo andar,

a outra sala de jantar, menor; e a princesa, que havia recentemente alugado essa parte do segundo andar a um engenheiro, o senhor Hamelin, um celibatário que morava com a irmã, havia se contentado em bloquear a porta, com o auxílio de dois potentes parafusos. Assim, ela compartilhava a antiga escada de serviço com esse locatário, enquanto Saccard gozava sozinho da escadaria principal. Ele mobiliou parcialmente alguns cômodos com os despojos do parc Monceau, deixou outros vazios, conseguiu, de algum modo, dar vida a essa fileira de muros tristes e desnudos, dos quais uma mão obstinada parecia ter arrancado até os menores fragmentos de decoração, já no dia seguinte da morte do príncipe. E pôde recomeçar o sonho de uma grande fortuna.

A princesa d'Orviedo era então uma das personagens curiosas de Paris. Quinze anos antes, havia se resignado a esposar o príncipe, que não amava, para obedecer a uma ordem formal de sua mãe, a duquesa de Combeville. Àquela época, a jovem de vinte anos era famosa por sua beleza e virtude, muito religiosa, talvez excessivamente circunspecta, ainda que amasse o mundo com paixão. Desconhecia as histórias estranhas que circulavam a respeito do príncipe, as origens de sua gigantesca fortuna estimada em trezentos milhões, uma vida inteira de roubos terríveis, não mais no recôndito dos bosques, à mão armada, como faziam os nobres aventureiros do passado, mas como correto bandido moderno, à clara luz da Bolsa, a partir do bolso da pobre gente crédula, em meio a desespero e morte. Lá na Espanha, aqui na França, durante vinte anos, o príncipe havia tido parte do leão em todas as grandes canalhices que se tornaram legendárias. Embora ela nada suspeitasse da lama e do sangue nos quais ele havia amalhado tantos milhões, havia sentido por ele, desde o primeiro encontro, uma repugnância que sua religião foi impotente em vencer; e logo um rancor surdo, crescente, juntou-se a essa antipatia, o de não ter um filho desse casamento imposto por obediência. A maternidade teria lhe bastado, adorava crianças; chegou a odiar esse homem que, após ter desesperado a amante, não conseguia sequer contentar a mãe. Foi nesse momento que

se viu a princesa lançar-se em um luxo sem precedentes, ofuscar Paris com o brilho de suas festas, manter um padrão faustoso, que, dizia-se, as Tuileries invejavam. Depois, bruscamente, logo após a morte do príncipe, fulminado por uma apoplexia, a mansão da rue Saint-Lazare caiu em um silêncio absoluto, em noite completa. Nem uma luz, nem um ruído, as portas e as janelas permaneciam fechadas, e espalhava-se o rumor de que a princesa, após ter abandonado violentamente o térreo e o primeiro andar, havia-se recolhido, como uma reclusa, a três pequenos cômodos do segundo andar, com uma antiga criada de sua mãe, a velha - Sophie, que a havia educado. Quando reapareceu, usava um vestido simples de lã preta, cabelos escondidos sob uma touca de rendas, sempre pequena e roliça, com uma frente estreita, seu belo rosto arredondado com dentes de pérola entre lábios cerrados, mas já com a tez amarelada, a fisionomia inexpressiva, mergulhada em uma vontade resoluta de religiosa enclausurada havia muito tempo. Acabava de completar trinta anos, e havia vivido, desde aquela época, apenas para imensas obras de caridade.

Em Paris, era grande a surpresa, e todos os tipos de histórias extraordinárias circularam. A princesa havia herdado toda a fortuna, os famosos trezentos milhões que alardeavam as crônicas dos próprios jornais. E foi romântica a lenda que acabou por se consolidar. Dizia-se que um homem, um desconhecido vestido de preto, havia surgido de repente em seu quarto, sem que ela jamais adivinhasse por qual porta secreta havia entrado, no momento em que ela se preparava para deitar; o que esse homem lhe havia dito, ninguém no mundo sabia; mas deve ter contado a origem abominável dos trezentos milhões, exigindo dela talvez o juramento de reparar tanta iniquidade, se quisesse evitar terríveis catástrofes. Em seguida, o homem havia desaparecido. Já fazia cinco anos que estava viúva; seria de fato para obedecer a uma ordem vinda do além, seria talvez uma simples revolta de honestidade, assim que teve em mãos o histórico de sua fortuna? A verdade é que vivia em uma febre ardente de renúncia e reparação. Nessa mulher, que não havia sido amante e que

não pôde ser mãe, todos os carinhos reprimidos, principalmente o amor abortado por um filho, desabrochavam em uma verdadeira paixão pelos pobres, pelos fracos, deserdados, enfermos, todos aqueles cujos milhões roubados supunha estar em suas mãos, e aos quais jurava restituí-los regiamente, por meio de uma chuva de doações. Desde aquela época, invadiu-a a ideia fixa, o cravo da obsessão penetrou em seu crânio: não se considerou mais que um banqueiro, a quem os pobres haviam entregado trezentos milhões, para que fossem aplicados da melhor forma possível; não foi mais que um contador, um homem de negócios, vivendo entre cifras, em meio a uma multidão de tabeliães, operários e arquitetos. Fora de casa, havia instalado um grande escritório, com uma vintena de empregados. Em casa, nos exíguos três cômodos, só recebia quatro ou cinco intermediários, seus prepostos; e passava o dia ali, no escritório, como um diretor de grande empresa, enclausurada à distância dos inoportunos, entre pilhas de papéis que a sobrecarregavam. Seu sonho era aliviar todas as misérias, desde a criança que padece por ter nascido até o velho que não pode morrer sem sofrimento. Durante esses cinco anos, derramando ouro a mãos-cheias, havia fundado, em La Villette, a Creche Sainte-Marie, com berços brancos para os pequeninos, camas azuis para os maiores, uma instituição ampla e clara, já frequentada por trezentas crianças; um orfanato em Saint-Mandé, o Orfanato Saint-Joseph, onde cem meninos e cem meninas recebiam educação e instrução tais como lhes daria uma família burguesa; enfim, um asilo para idosos em Châtillon, que poderia abrigar cinquenta homens e cinquenta mulheres, e um hospital de duzentos leitos em um subúrbio, o Hospital Saint-Marceau, que acabava de abrir as portas. Mas, sua obra preferida, que absorvia nesse momento todo seu esforço, era a Obra do Trabalho, uma criação dela, uma instituição que deveria substituir as casas de correção, onde trezentas crianças, cento e cinquenta meninas e cento e cinquenta meninos, recolhidos nas ruas de Paris, em meio à devassidão e ao crime, seriam regenerados graças aos bons cuidados e ao aprendizado de uma profissão. Essas diversas fundações, doações

substanciais, uma prodigalidade louca na caridade, haviam consumido cerca de cem milhões em cinco anos. Mais alguns anos nesse ritmo e estaria arruinada, sem ao menos ter reservado uma pequena renda necessária ao pão e leite de que vivia agora. Quando a velha criada Sophie, saindo de seu silêncio constante, com uma palavra rude a admoestava, profetizando que morreria na miséria, a princesa dava um leve sorriso, o único que agora aparecia em seus lábios descorados, um sorriso divino de esperança.

Foi justamente por ocasião da Obra do Trabalho que Saccard conheceu a princesa d'Orviedo. Era um dos proprietários do terreno que ela comprou para a obra, um jardim antigo recoberto de belas árvores, que era contíguo ao parc de Neuilly e se localizava à beira da avenue Bineau. Ela ficou encantada pela maneira ágil com que o homem tratava os negócios, quis revê-lo após algumas dificuldades com os empreiteiros. Ele próprio havia se interessado pelas obras, a imaginação seduzida, fascinado pelo projeto grandioso que ela impunha ao arquiteto: duas alas monumentais, uma para os meninos, outra para as meninas, unidas por um edifício central, abrigando a capela, as salas comunitárias, a administração, todos os serviços; e cada ala teria seu pátio imenso, suas oficinas, suas diversas dependências. Mas o que o seduzia acima de tudo, em razão de seu próprio gosto pela grandeza e pelo fausto, era o luxo manifesto, a construção enorme e feita com materiais que desafiariam os séculos, mármore em profusão, uma cozinha revestida de azulejos, onde seria possível cozinhar um boi, refeitórios gigantescos com ricos lambris de carvalho, dormitórios inundados de luz, alegrados por pinturas suaves, rouparia, sala de banho, enfermaria, instaladas com requinte exagerado; e, por toda a parte, grandes armários, escadarias, corredores, arejados no verão, aquecidos no inverno; e a casa inteira banhada de sol, uma alegria de juventude, um bem-estar de grande fortuna. Quando o arquiteto, inquieto, achando inútil toda essa magnificência, falava das despesas, a princesa interrompia-o com uma frase: ela havia conhecido o luxo, queria propiciá-lo aos pobres para que também usufruíssem, eles que

fazem o luxo dos ricos. Sua ideia fixa era feita desse sonho: saciar os miseráveis, deitá-los em camas, sentá-los à mesa dos afortunados deste mundo, não mais a esmola de um naco de pão, nem um leito miserável do acaso, mas a vida opulenta do palácio, onde estariam em casa, desforrando-se, saboreando os prazeres dos triunfadores. Nesse desperdício, porém, em meio a faturas enormes, era abominavelmente roubada; um enxame de empreiteiros vivia a sua custa, sem contar as perdas devidas à má administração; dilapidava-se o bem dos pobres. E foi Saccard quem lhe abriu os olhos, pedindo para deixá-lo tirar a limpo as contas, aliás, absolutamente desinteressado, pelo único prazer de organizar essa dança de milhões, que o entusiasmava. Nunca havia se mostrado tão escrupulosamente honesto. Nessa questão colossal e complicada, foi o colaborador mais ativo, mais íntegro, dedicando seu tempo, até seu dinheiro, simplesmente recompensado pela alegria das quantias consideráveis que lhe passavam entre as mãos. Só ele era conhecido na Obra do Trabalho, onde a princesa nunca ia, como também não ia visitar as outras fundações, escondida em seus três cômodos exíguos, como a boa deusa invisível; e ele, adorado, abençoado, subjugado por toda a gratidão que ela aparentemente não queria.

Sem dúvida, desde aquela época, Saccard acalentava um projeto vago, que, de repente, quando se instalou como locatário na mansão d'Orviedo, ganhou a nitidez penetrante de um desejo. Por que não se dedicaria inteiramente à administração das boas obras da princesa? Naquela hora de dúvida em que estava, derrotado pela especulação, sem saber que fortuna refazer, isso lhe parecia uma nova encarnação, uma súbita ascensão em apoteose: tornar-se o distribuidor dessa régia caridade, canalizar esse fluxo de ouro que corria em Paris. Restavam duzentos milhões, quantas obras ainda a criar, que cidade miraculosa sairia do chão! Sem contar que ele os faria frutificar, esses milhões, iria duplicá-los, triplicá-los, saberia empregá-los tão bem que deles extrairia um mundo. Então, com sua paixão, tudo se avultou, viveu com esse pensamento obsessivo, distribuí-los em esmolas infindáveis, inundar uma

França feliz; enternecia-se, porque mantinha uma probidade perfeita, sequer um centavo ficava em suas mãos. Em sua cabeça de visionário, foi um idílio gigante, o idílio de um homem inconsequente, em que não se imiscuía nenhum desejo de compensar seu antigo banditismo financeiro. Até porque, na verdade, no fundo, havia o sonho de sua vida inteira, a conquista de Paris. Ser o rei da caridade, o Deus adorado da multidão de pobres, tornar-se único e popular, ocupar a atenção do mundo, tudo isso excedia sua ambição. Quantos prodígios realizaria, se empregasse para o bem suas faculdades de homem de negócios, suas artimanhas, sua obstinação, a ausência completa de preconceitos! Teria a força irresistível que ganha batalhas, o dinheiro, o dinheiro em cofres repletos, o dinheiro que frequentemente faz tanto mal e que faria tanto bem, no dia em que fosse distribuído para satisfazer seu orgulho e seu prazer!

Então, ampliando ainda mais seu projeto, Saccard chegou a se perguntar por que não esposaria a princesa d'Orviedo. Isso definiria posições, evitaria interpretações maldosas. Durante um mês, manobrou com destreza, expôs planos magníficos, tentou tornar-se indispensável; e um dia, em tom tranquilo, tornando-se novamente ingênuo, fez sua proposta, desenvolveu seu grande projeto. Propunha uma verdadeira sociedade, seria o liquidante das quantias roubadas pelo príncipe, comprometia-se a devolvê-las decuplicadas aos pobres. A princípio, a princesa, em seu eterno vestido preto, com a touca de renda na cabeça, escutou-o atentamente, sem que qualquer emoção animasse seu rosto amarelado. Estava muito impressionada com as vantagens que poderia ter semelhante sociedade, ficando de resto indiferente às outras considerações. Então, após adiar sua resposta para o dia seguinte, acabou por recusar: sem dúvida havia refletido que não seria mais a única dona de suas esmolas e queria organizá-las como soberana absoluta, mesmo loucamente. Mas explicou que ficaria feliz em conservá-lo como conselheiro, mostrou como considerava sua colaboração preciosa, pedindo que continuasse a se ocupar da Obra do Trabalho, da qual era o verdadeiro diretor.

Durante toda a semana, Saccard sentiu uma violenta tristeza ante a perda de uma ideia querida; não que se sentisse cair novamente no abismo da bandidagem, mas, da mesma forma que um romance sentimental traz lágrimas aos olhos dos bêbados mais abjetos, esse colossal idílio do bem, feito a golpes de milhões, havia enternecido sua velha alma de corsário. Caía uma vez mais, e de bem alto: tinha a impressão de ter sido destronado. Por meio do dinheiro, sempre havia desejado, além da satisfação de seus apetites, a magnificência de uma vida principesca; e nunca a havia tido em grau suficiente. Enfurecia-se cada vez que uma de suas quedas arrastava uma esperança. Assim, quando seu projeto desmoronou diante da recusa tranquila e clara da princesa, viu-se relançado em um desejo furioso de batalha. Lutar, ser o mais forte na dura guerra da especulação, devorar os outros para eles não o devorarem, seria, em consequência de sua sede de esplendor e de prazer, a grande causa, a única causa de sua paixão pelos negócios. Mesmo que não tesaurizasse, teria a outra alegria, a luta das grandes cifras, as fortunas lançadas como batalhões, o choque de milhões antagônicos, com as derrotas, com as vitórias, que o inebriavam. E, de imediato, ressurgiu seu ódio contra Gundermann, sua necessidade desenfreada de vingança: abater Gundermann, isso o rondava com um desejo quimérico, cada vez que se via no chão, vencido. Embora percebesse a infantilidade de semelhante tentativa, não poderia ao menos começá-la, criar um espaço defronte dele, forçá-lo à divisão, como esses monarcas de países vizinhos e de igual poder que se tratam de primos? Foi então que de novo a Bolsa o atraiu, a cabeça repleta de negócios a lançar, solicitado em todos os sentidos por projetos contraditórios, com tamanha ansiedade que não soube o que decidir, até o dia em que uma ideia suprema, descomedida, destacou-se das outras e pouco a pouco o dominou completamente.

Desde que morava na mansão d'Orviedo, Saccard avistava às vezes a irmã do engenheiro Hamelin, que morava no pequeno apartamento do segundo andar, uma mulher de porte admirável, dona Caroline, como a chamavam familiarmente. O que mais lhe chamou a atenção, no

primeiro encontro, foram seus cabelos brancos magníficos, uma coroa real de cabelos brancos, com um efeito tão singular sobre a fronte dessa mulher ainda jovem, com trinta e seis anos no máximo. Desde os vinte e cinco anos, estavam inteiramente brancos. Suas sobrancelhas, ainda negras e muito espessas, conservavam uma juventude, um vivo exotismo em seu rosto emoldurado de arminho. Nunca havia sido bela, com seu queixo e seu nariz grandes demais, sua boca larga cujos lábios grossos exprimiam uma delicada bondade. Mas, sem dúvida, a cabeleira branca, essa brancura esvoaçante de finos cabelos de seda, abrandava sua fisionomia um pouco dura, dando-lhe um encanto sorridente de avó, com um frescor e uma força de mulher enamorada. Era grande, sólida, o andar franco e muito nobre.

Cada vez que a encontrava, Saccard, mais baixo que ela, seguia-a com o olhar, interessado, cobiçando secretamente essa estatura alta, essa compleição sadia. E pouco a pouco, por meio daqueles que os rodeavam, conheceu toda a história dos Hamelins. Caroline e Georges eram filhos de um médico de Montpellier, sábio notável, católico exaltado, morto sem fortuna. Quando o pai se foi, a moça tinha dezoito anos, o rapaz, dezenove; e, como ele acabara de entrar na Escola Politécnica, ela o seguiu até Paris, onde se empregou como preceptora. Foi ela quem fez com que chegassem em suas mãos moedas de cinco francos, forneceu-lhe dinheiro miúdo durante os dois anos de curso; mais tarde, quando se graduou mal classificado e teve de bater perna, foi ainda ela quem o sustentou, à espera de que encontrasse trabalho. Esses dois irmãos se adoravam, mantinham o sonho de nunca se separarem. Entretanto, surgiu um casamento inesperado, a boa graça e a inteligência viva da moça haviam conquistado um cervejeiro milionário na casa onde trabalhava, e Georges quis que ela aceitasse; do que se arrependeu amargamente, porque após alguns anos de vida comum Caroline foi obrigada a exigir uma separação para não ser morta pelo marido, que bebia e a perseguia com uma faca, em crises de ciúme imbecil. Tinha então vinte e seis anos, voltava a ser pobre, obstinada em não pedir

pensão ao homem que havia abandonado. Mas seu irmão, enfim, após várias tentativas, havia encontrado um trabalho que o agradava: partiria para o Egito, com a comissão encarregada dos estudos preliminares do canal de Suez; e levou a irmã, que se instalou corajosamente em Alexandria, recomeçou a dar aulas, enquanto ele percorria o país. Assim, permaneceram no Egito até 1859, presenciaram os primeiros golpes de picareta nas praias de Porto Said; uma equipe modesta, menos de cento e cinquenta operários, perdida no meio da areia, comandada por um punhado de engenheiros. Depois, Hamelin, enviado à Síria para assegurar o abastecimento, ficou por lá, após um desentendimento com seus chefes. Fez Caroline ir a Beirute, onde outros alunos a esperavam, envolveu-se em uma grande obra, patrocinada por uma companhia francesa, a construção de uma estrada carroçável de Beirute a Damasco, a primeira, a única via aberta através dos desfiladeiros do Líbano; e lá viveram mais três anos, até a conclusão da estrada, ele visitando montanhas, ausentando-se dois meses para uma viagem a Constantinopla através dos pequenos montes Tauro, ela a seguiu-lo sempre que podia escapular, compartilhando os projetos de revitalização que ele fazia, para desenvolver essa velha terra adormecida sob as cinzas de civilizações mortas. Ele havia montado um portfólio transbordante de ideias e de planos, sentia a necessidade imperiosa de voltar à França, se quisesse dar corpo a esse vasto conjunto de empreendimentos, formar sociedades, encontrar capitais. E, após nove anos de estadia no Oriente, partiram, tiveram a curiosidade de retornar ao Egito, onde os trabalhos do canal de Suez deixaram-nos entusiasmados: em quatro anos, havia crescido uma cidade nas areias da praia de Porto Said, um povo inteiro agitava-se ali, formigas humanas multiplicavam-se e mudavam a face da terra. Mas um infortúnio atroz aguardava Hamelin em Paris. Durante quinze meses, debatia-se com seus projetos, sem poder comunicar sua fé a ninguém, modesto demais, pouco loquaz, restrito ao segundo andar da mansão d'Orviedo, em um pequeno apartamento de cinco cômodos, que alugava por mil e duzentos francos, mais longe do sucesso do que

quando percorria as montanhas e as planícies da Ásia. Suas economias esgotavam-se rapidamente, irmão e irmã chegavam a uma grande penúria.

Foi justamente o que interessou Saccard, essa tristeza crescente de dona Caroline, cuja bela alegria se obscurecia pelo desalento em que via seu irmão. Na família, ela era um pouco o homem. Georges, que fisicamente se assemelhava muito a ela, embora mais frágil, tinha rara capacidade de trabalho; mas se absorvia em seus estudos, não queria abandoná-los. Nunca quis se casar, não sentia necessidade, adorava a irmã, o que lhe bastava. Devia ter amantes de um dia, mas ninguém as conhecia. E esse antigo aluno esforçado da Escola Politécnica, com concepções tão vastas, com um empenho tão intenso em tudo o que empreendia, mostrava às vezes tal ingenuidade que poderia parecer um pouco tolo. Educado no mais estrito catolicismo, havia conservado sua religião de infância, praticava-a com muita convicção; ao passo que a irmã havia progredido por meio de uma leitura imensa, de uma vasta instrução que adquiriu por conta própria, durante as longas horas em que ele mergulhava em seus trabalhos técnicos. Ela falava quatro línguas, havia lido economistas, filósofos, empolgada durante algum tempo com as teorias socialistas e evolucionistas; mas havia se acalmado, devia sobretudo a suas viagens, a sua longa estadia entre civilizações longínquas, uma grande tolerância, um belo equilíbrio de sabedoria. Mesmo tendo deixado de crer, permanecia muito respeitosa diante da fé do irmão. Entre eles, houve uma explicação e nunca mais voltaram ao assunto. Ela era de uma inteligência, em sua simplicidade e em sua serenidade; e de uma extraordinária coragem para a vida, de uma alegre valentia que resistia à crueldade da sorte, tinha o costume de dizer que só não conseguia superar uma única tristeza, a de não haver tido filhos.

Saccard pôde prestar um favor a Hamelin, um pequeno trabalho que lhe arrumou; financiadores precisavam de um engenheiro para redigir um laudo sobre o rendimento de uma nova máquina. E forçou assim a intimidade do irmão e da irmã, subia frequentemente para passar uma

hora com eles no salão, seu único cômodo grande, que haviam transformado em escritório. Esse cômodo permanecia com uma nudez absoluta, mobiliado somente com uma longa mesa de desenho, com outra mesa menor, atravancada de papéis, e meia dúzia de cadeiras. Sobre a lareira, empilhavam-se livros. Mas, nas paredes, uma decoração improvisada alegrava o espaço vazio: uma série de projetos, uma fileira de aquarelas claras, cada folha fixada com quatro pregos. Era o portfólio de projetos que Hamelin havia espalhado dessa maneira, as anotações feitas na Síria, toda sua futura fortuna; e as aquarelas eram de dona Caroline, paisagens, personagens, trajés, o que ela havia observado e desenhado ao acompanhar o irmão, com um toque muito pessoal de colorista, sem qualquer pretensão para além disso. Duas largas janelas, que se abriam para o jardim da mansão Beauvilliers, clareavam com uma luz intensa essa profusão de desenhos que evocavam uma vida diferente, o sonho de uma antiga sociedade desfeita em pó, que os esboços, com linhas firmes e matemáticas, pareciam querer reerguer, sob o arcabouço dos sólidos andaimes da ciência moderna. E quando pôde ser útil, com essa diligência que o tornava encantador, Saccard ficou absorto sobretudo diante dos projetos e das aquarelas, seduzido, pedindo sem parar novas explicações. Em sua cabeça já germinava uma grande empreitada.

Uma manhã, encontrou dona Caroline sozinha, sentada à pequena mesa que havia transformado em escrivaninha. Estava mortalmente triste, as mãos abandonadas sobre os papéis.

– Que quer o senhor? Decididamente, isso caminha mal... Ainda assim, sou corajosa. Mas tudo vai nos faltar ao mesmo tempo; e o que me angustia é o desencorajamento de meu pobre irmão diante da infelicidade, porque ele não é valente, só tem forças para o trabalho... Havia pensado em buscar novamente emprego como preceptora em algum canto, para ao menos ajudá-lo. Procurei e não encontrei nada... No entanto, não posso me pôr a fazer faxina.

Saccard nunca a havia visto tão desanimada e abatida.

– Que diabo! A senhora não chegou a esse ponto! – exclamou.

Ela sacudiu a cabeça, mostrava-se amargurada com a vida, que em geral aceitava tão galhardamente, por pior que fosse. E como Hamelin chegasse naquele momento trazendo a notícia de mais um fracasso, ela verteu grandes lágrimas vagarosas, não falou mais, punhos cerrados, à mesa, olhar perdido no espaço.

– E pensar – deixou escapar Hamelin – que ali há milhões à nossa espera, se alguém simplesmente me ajudasse a ganhá-los!

Saccard havia parado diante de um esboço que representava a construção de uma casa no centro de alguns armazéns.

– O que é isso? – perguntou.

– Oh! Diverti-me um pouco – explicou o engenheiro. – É o projeto de uma casa, lá em Beirute, para o diretor da Companhia que idealizei, o senhor sabe, a Companhia Geral de Navios Associados.

Animava-se, deu novos detalhes. Durante sua estadia no Oriente, havia notado como era precário o serviço de transporte. As poucas empresas, sediadas em Marselha, destroçavam-se pela concorrência, não conseguiam ter material suficiente e confortável; e uma de suas primeiras ideias, a base de todo o conjunto de suas empresas, seria sindicalizar essas sociedades, reuni-las em uma grande Companhia, dotada de milhões, que exploraria todo o Mediterrâneo uma vez assegurada de sua soberania, ao estabelecer rotas para todos os portos da África, da Espanha, da Itália, da Grécia, do Egito, da Ásia, até as regiões mais longínquas do mar Negro. Era a proposta de um organizador perspicaz e, ao mesmo tempo, de um bom cidadão: significava o Oriente conquistado, entregue à França, sem contar que aproximava assim a Síria, onde se abriria o vasto campo de suas operações.

– Sindicatos – murmurou Saccard. –, hoje o futuro parece estar neles... É uma forma de associação tão poderosa! Três ou quatro pequenas empresas, que vegetam isoladamente, ganham vitalidade e prosperidade irresistíveis ao se reunirem... Sim, o amanhã pertence ao grande capital, aos esforços centralizados das grandes massas. Toda a

indústria e todo o comércio acabarão por se tornar um imenso e único bazar, onde será possível encontrar todas as provisões.

Parou de novo, dessa vez em pé diante de uma aquarela que representava uma paisagem selvagem, um desfiladeiro árido obstruído por um desmoronamento gigantesco de rochas coroadas de mato.

– Oh! Oh! – acrescentou. – Eis o fim do mundo. Dificilmente alguém seria atropelado pelos passantes nesse lugar.

– Um desfiladeiro do Carmelo – respondeu Hamelin. – Minha irmã fez o desenho durante os estudos que fiz por lá. – E acrescentou simplesmente: – Veja! Entre os calcários cretáceos e os pórfiros que movimentaram esses calcários, em todo o flanco da montanha, há um considerável veio de prata sulfurada, sim!, uma mina de prata, cuja exploração, segundo meus cálculos, asseguraria lucros enormes.

– Uma mina de prata – repetiu vivamente Saccard.

Dona Caroline, o olhar sempre distante, em sua tristeza, havia ouvido; e, como se evocasse uma visão:

– O Carmelo, ah! Que deserto, que dias de solidão! Repleto de murtas e de giestas, o cheiro é bom, o ar morno perfumado. E há águias a todo tempo, que planam muito alto... Mas toda essa prata dorme nesse sepulcro ao lado de tanta miséria. Gostaríamos de multidões felizes, obras em curso, cidades nascentes, um povo regenerado pelo trabalho.

– Seria fácil construir uma estrada entre o Carmelo e São João de Acre – continuou Hamelin. – E penso que também descobriríamos ferro, porque é abundante nas montanhas da região... Também estudei um novo modo de extração, que acarretaria economias importantes. Tudo está pronto, trata-se apenas de encontrar capital.

– A Sociedade das Minas de Prata do Carmelo! – murmurou Saccard.

Mas agora era o engenheiro que, olhos para o alto, ia de um projeto a outro, empolgado com esse trabalho de toda sua vida, febricitante pelo pensamento do futuro resplandecente que dormia ali enquanto a necessidade o paralisava.

– E são só os pequenos negócios do começo – continuou. – Olhe esta série de projetos, é este o grande lance, um sistema de ferrovias que atravessa a Ásia Menor de ponta a ponta... Falta de comunicações cômodas e rápidas, é esta a causa principal da estagnação em que apodrece essa terra tão rica. O senhor não encontrará nem uma via carroçável, as viagens e o transporte ainda se fazem em dorso de mula ou de camelo... Imagine então que revolução, se vias férreas penetrassem até os confins do deserto! A indústria e o comércio decuplicados, a civilização vitoriosa, a Europa abrindo enfim as portas do Oriente... Oh! Se isso lhe interessar um pouco, conversaremos em detalhe. O senhor verá, o senhor verá!

Imediatamente, aliás, não pôde deixar de entrar em explicações. Foi sobretudo durante sua viagem a Constantinopla que estudou o traçado de sua rede de ferrovias. A grande, a única dificuldade seria a travessia dos montes Tauro; mas havia percorrido os diversos desfiladeiros, garantia a possibilidade de um trajeto direto e relativamente pouco dispendioso. Aliás, não planejava construir o sistema completo de uma vez só. Quando obtivesse a concessão total do sultão, seria prudente no início realizar apenas o tronco principal, a linha de Bursa a Beirute via Angora^[a] e Alepo. Mais tarde, seria possível pensar no entroncamento de Esmirna a Angora e no de Trebizonda a Angora, via Erzurum e Sivas.

– Mais tarde, ainda mais tarde... – continuou.

E não concluiu, contentava-se em sorrir, sem ousar dizer até onde o conduziria a audácia de seus projetos. Era o sonho.

– Ah! As planícies aos pés do Tauro – disse dona Caroline, em sua voz lenta de adormecida acordada –, que paraíso delicioso! Basta arranhar a terra, e as plantações crescem em abundância. As árvores frutíferas, pessegueiros, cerejeiras, figueiras, amendoeiras, curvam-se sob o peso das frutas. E que campos de oliveiras e de amoreiras, semelhantes a grandes bosques! E que vida natural e fácil sob aquele céu límpido, constantemente azul!

Saccard pôs-se a rir, esse riso agudo de cobiça, que tinha quando pressentia a fortuna. E, como Hamelin ainda falasse de outros projetos, em especial da fundação de um banco em Constantinopla, comentando por alto as relações todo-poderosas que havia feito, próximas sobretudo ao grão-vizir, interrompeu-o alegremente.

– Mas é uma terra de cocanha, dá para vender como tal!

Depois, bem à vontade, apoiou as duas mãos nos ombros de dona Caroline, ainda sentada:

– Portanto, não se desespere, senhora! Tenho-lhe grande estima, verá que farei com seu irmão algo de bom para todos nós... Tenha paciência. Espere.

Durante o mês seguinte, Saccard arranhou novamente pequenos trabalhos para o engenheiro; e, embora não falasse mais dos grandes negócios, devia constantemente refletir sobre o assunto, preocupado, hesitante diante da amplidão esmagadora das empresas. Mas o que estreitou ainda mais a ligação nascente foi a maneira perfeitamente natural com que dona Caroline se ocupou daquele aposento de homem só, devorado por despesas inúteis, ainda mais desservido porque tinha muitos servidores. Saccard, tão hábil fora de casa, famoso por sua mão vigorosa e competente nos desperdícios dos grandes roubos, em casa deixava tudo em desordem, indiferente à terrível gatunagem que triplicava suas despesas; e a ausência de uma mulher fazia-se sentir cruelmente, até nas menores coisas. Quando dona Caroline percebeu a pilhagem, no início deu-lhe conselhos, depois acabou por se intrometer e fez com que realizasse algumas economias; embora entre risos, um dia, ele lhe propôs que fosse sua intendente: por que não? Ela havia procurado um posto de preceptora, poderia perfeitamente aceitar uma situação honrosa, que lhe permitisse aguardar. A proposta, feita em tom de brincadeira, tornou-se séria. Não seria um modo de se ocupar, de aliviar o irmão com os trezentos francos que Saccard queria pagar por mês? Aceitou, remodelou a casa em oito dias, despediu o *chef* e sua esposa para contratar uma cozinheira, que, com o camareiro e o

cocheiro, deveria bastar para o serviço. Guardou apenas um cavalo e um coche, impôs sua autoridade em tudo, examinou as contas com cuidado tão escrupuloso que as reduziu pela metade ao cabo da primeira quinzena. Ele estava encantado, brincava e dizia que agora a explorava, e que ela deveria exigir uma porcentagem de todos os benefícios que lhe propiciava.

Então, começou uma vida de grande intimidade. Saccard teve a ideia de retirar os parafusos que bloqueavam a porta de comunicação entre os dois apartamentos, e subia-se livremente de uma sala de jantar à outra, pela escada interna; desse modo, enquanto seu irmão trabalhava no andar de cima, confinado da manhã à noite para pôr em ordem seus dossiês do Oriente, dona Caroline, deixando sua própria casa aos cuidados da única criada que os servia, descia a qualquer hora do dia para dar ordens, como se estivesse em casa. Havia se tornado a alegria de Saccard a constante aparição dessa mulher grande e bela, que atravessava os cômodos, em seu passo sólido e soberbo, com a alegria sempre inesperada de seus cabelos brancos esvoaçantes em torno de seu rosto jovem. Ela estava de novo bem alegre, havia reencontrado a coragem de viver desde que se sentia útil, ocupando suas horas incansavelmente em pé. Sem qualquer afetação de simplicidade, trajava sempre um vestido preto, de cujo bolso saía o som claro do molho de chaves; e isso a divertia certamente, ela, a mulher culta, a filósofa, ter-se tornado uma dona de casa, a governanta de um príncipe que começava a querer bem, como se pode querer bem as crianças malvadas. Ele, por um momento bem enfeitiçado, calculando que, apesar de tudo, havia uma diferença de apenas catorze anos entre eles, perguntava-se o que aconteceria se uma bela noite a tomasse em seus braços. Seria admissível que, durante dez anos, após a fuga forçada da casa de seu marido, de quem havia recebido tanto golpes quanto carícias, houvesse vivido como guerreira errante, sem ver um homem? Talvez as viagens a tivessem protegido. Entretanto, sabia que um amigo do irmão dela, um certo senhor Beaudoin, negociante que permaneceu em Beirute e cuja volta à França estava próxima, era muito

apaixonado por ela, a ponto de esperar para esposá-la a morte do marido, recentemente internado em um hospício, enlouquecido pelo alcoolismo. Evidentemente, esse casamento só serviria para regularizar uma situação bem desculpável, quase legítima. Então, se havia existido um, por que não existiria um segundo? Mas Saccard se limitava à ideia, achando-a tão boa camarada que a mulher frequentemente desaparecia. Quando, ao vê-la passar com seu porte admirável, perguntava-se o que aconteceria se a beijasse, respondia a si mesmo que aconteceriam coisas bem corriqueiras, aborrecidas talvez; e deixava a experiência para depois, dava-lhe apertos de mão vigorosos, feliz com sua cordialidade.

Mas, de repente, dona Caroline recaiu em grande tristeza. Uma manhã, desceu abatida, muito pálida, olhos inchados; e ele nada pôde saber dela; parou de interrogá-la diante de sua obstinação em responder que não havia nada, que estava como sempre. Só compreendeu no dia seguinte, ao encontrar uma carta no andar de cima, o aviso do casamento do senhor Beaudoin com a filha de um cônsul inglês, muito jovem e imensamente rica. O golpe deve ter sido ainda mais duro porque a notícia havia chegado por essa carta banal, sem nenhuma preparação, nem ao menos um adeus. Era um desmoronamento na existência da pobre mulher, a perda da esperança longínqua, a que se agarrava nas horas de desastre. E como o acaso, também ele, tem crueldades abomináveis, ela soubera justamente na antevéspera que seu marido estava morto, havia enfim acreditado, durante quarenta e oito horas, na realização próxima de seu sonho. Sua vida desabava, ela estava aniquilada. Na mesma noite, outra surpresa esperava por ela: como entrasse, conforme seu costume, antes de se deitar, na casa de Saccard para dar ordens para o dia seguinte, ele falou-lhe de sua tristeza tão docemente que ela explodiu em soluços; então, nesse enternecimento invencível, em uma espécie de paralisia da vontade, viu-se entre seus braços, entregou-se, sem alegria nem para um nem para outro. Quando se recompôs, não se revoltou, mas sua tristeza aumentou ao infinito. Por que havia permitido que tal coisa se consumasse? Não amava esse

homem, ele próprio não devia amá-la. Não que lhe parecesse de idade e rosto indignos de ternura; certamente sem beleza e já velho, interessava-a pela mobilidade de seus traços, a atividade de toda sua pequena pessoa morena; e, sem conhecê-lo ainda, imaginava que fosse prestativo, com uma inteligência superior, capaz de realizar as grandes empresas de seu irmão, com a honestidade média de qualquer pessoa. Entretanto, que queda imbecil! Ela, tão ponderada, tão instruída pela árdua experiência, tão senhora de si, ter sucumbido assim sem saber por que nem como, em meio a uma crise de choro, como uma criada leviana e sentimental! O pior é que o sentia, como a si própria, estupefato, quase zangado com a aventura. Quando, ao tentar consolá-la, ele havia lhe falado do senhor Beaudoin como de um amante antigo, cuja vil traição só merecia esquecimento, ela havia se indignado, jurando que nada havia acontecido entre eles, e de início ele imaginou que mentisse, por orgulho de mulher; mas ela insistiu nesse juramento com tanta força, mostrava olhos tão belos, tão límpidos de franqueza, que acabou por convencê-lo da veracidade dessa história: ela por retidão e dignidade havia se preservado para a noite de núpcias, o homem foi paciente durante dois anos, depois se cansou e esposou outra mulher, alguma ocasião demasiadamente tentadora de juventude e de riqueza. Estranho que essa descoberta, essa convicção que deveria ter encantado Saccard, causava-lhe, ao contrário, uma espécie de embaraço, tão bem compreendia a fatalidade tola de sua boa fortuna. De resto, não recomeçaram, pois nem um nem outro parecia sentir vontade.

Durante quinze dias, dona Caroline permaneceu terrivelmente triste. A força de viver, esse ímpeto que torna a vida uma necessidade e uma alegria, a abandonou. Vagava em suas múltiplas ocupações como se estivesse alheia, sem iludir-se ao menos com a razão e o interesse das coisas. Era a máquina humana que trabalhava no desespero do vazio de tudo. E, em meio a esse naufrágio de sua coragem e de sua alegria, desfrutava de uma única distração: a de passar as horas livres, fronte colada à vidraça de uma das janelas do grande escritório, olhar fixo no

jardim da mansão ao lado, essa mansão Beauvilliers, onde desde os primeiros dias de sua chegada adivinhava atribulação, uma dessas misérias ocultas, tão aflitivas em meio ao esforço de salvaguardar as aparências. Ali, havia seres que sofriam, e sua tristeza parecia embebida dessas lágrimas, agonizava de melancolia, até julgar-se insensível e morta na dor dos outros.

Essas Beauvilliers possuíam antigamente, sem contar suas imensas terras em Touraine e Anjou, uma mansão magnífica na rue Grenelle, mas agora só tinham em Paris essa velha casa de veraneio, construída fora da cidade no começo do século anterior e que se achava hoje encravada entre as construções escuras da rue Saint-Lazare. As poucas e belas árvores do jardim pareciam plantadas no fundo de um poço, os musgos corroíam os degraus da escada rachada e esmigalhada. Parecia um canto de natureza feito prisioneiro, um canto suave e sombrio, com uma desesperança muda, onde o sol só incidia com uma luz esverdeada, cuja vibração gelava os ombros. E, naquela paz úmida de porão, no alto daquela escada desconjuntada, a primeira pessoa que dona Caroline havia avistado fora a condessa de Beauvilliers, uma mulher alta e magra de sessenta anos, cabelos brancos, ar muito nobre, um pouco vetusta. Com um grande nariz reto, lábios finos, pescoço particularmente longo, tinha a aparência de um cisne muito velho, de uma doçura desolada. Depois, atrás dela, quase ao mesmo tempo, mostrou-se a filha, Alice de Beauvilliers, de vinte e cinco anos, mas tão debilitada que pareceria uma menina, não fossem a tez sem viço e os traços já retesados do rosto. Era idêntica à mãe, acabadiça, mas sem a nobreza aristocrática, o pescoço alongado até a desgraça, tendo não mais que o encanto patético do fim de uma grande estirpe. As duas mulheres viviam sós desde que o filho, Ferdinand de Beauvilliers, havia se alistado entre os zuavos pontificais após a batalha de Castelfidardo, perdida por Lamoricière. Todos os dias, quando não chovia, apareciam assim, uma após a outra, desciam os degraus e contornavam o pequeno gramado central sem trocar palavra. Só havia ali a orla de hera, as flores não teriam crescido, ou talvez

custassem caro demais. E essa caminhada lenta, possivelmente uma simples caminhada de saúde de duas mulheres tão pálidas, sob essas árvores centenárias que viram tantas festas e que as casas burguesas da vizinhança sufocavam, assumia uma dor melancólica, como se houvessem feito passear o luto das velhas coisas mortas.

Então, interessada, dona Caroline havia vigiado suas vizinhas com uma simpatia afetuosa, sem curiosidade maldosa; e, pouco a pouco, dominando o jardim, esmiuçou suas vidas, que elas ocultavam da rua com cuidado ciumento. Sempre havia um cavalo no estábulo, um coche no depósito, cuidado por um velho criado, ao mesmo tempo camareiro, cocheiro e *concierge*, da mesma forma que havia uma cozinheira que também servia de camareira; mas, embora o coche saísse pela grande porta, corretamente aparelhado, levando as senhoras às compras, embora a mesa conservasse certo luxo no inverno, nos jantares quinzenais aos quais vinham alguns amigos, quanto jejum, quantas economias sórdidas de todas as horas haviam comprado essa aparência mentirosa de fortuna! Em um pequeno galpão, ao abrigo dos olhares, para reduzir a conta da lavanderia, eram lavagens contínuas de pobres trapos corroídos pelo sabão, remendados fio a fio; eram quatro legumes preparados para o jantar e o pão que deixavam endurecer sobre uma tábua para comerem menos; eram vários tipos de práticas sovinas, mesquinhas e comoventes: o velho cocheiro costurando as botas furadas da senhorita, a cozinheira escurecendo as pontas das luvas desbotadas da senhora com tinta de escrever; e os vestidos da mãe passavam para a filha, após transformações engenhosas, e os chapéus que duravam anos, graças à troca de flores e de fitas. Quando não esperavam visita, os salões de recepção, no térreo, eram cuidadosamente fechados, bem como os grandes quartos do primeiro andar; porque em todo aquele vasto edifício as duas mulheres só ocupavam um cômodo acanhado, onde fizeram sala de jantar e dormitório. Quando a janela se entreabria, podia-se avistar a condessa remendando roupa, como uma pequeno-burguesa prestimosa; ao passo que sua filha, entre o piano e a caixa de aquarela, tricotava meias e luvas

para a mãe. Em um dia de grande tempestade, ambas foram vistas no jardim recolhendo a areia espalhada pela violência da chuva.

Agora dona Caroline conhecia a história delas. A condessa de Beauvilliers havia sofrido muito com o marido, um libertino de quem nunca se queixara. Um dia, trouxeram-no de volta à casa, em Vendôme, estertorando com um tiro no corpo. Haviam falado de acidente de caça: alguma bala atirada por um guarda enciumado, cuja esposa ou filha o homem havia seduzido. E o pior foi que desapareceu com ele a fortuna dos Beauvilliers, outrora colossal, assentada sobre terras imensas, régias propriedades que a Revolução já havia encontrado diminuída e que seu pai e ele acabaram de dissipar. De suas vastas propriedades fundiárias, sobrava uma única fazenda, Aublets, a algumas léguas de Vendôme, que rendia cerca de quinze mil francos, único recurso da viúva e de seus dois filhos. A mansão da rue Grenelle havia sido vendida muito antes, a da rue Saint-Lazare consumia a maior parte dos quinze mil francos da fazenda, massacrada por hipotecas, também sob ameaça de venda, caso os juros não fossem pagos; e sobravam apenas seis ou sete mil francos para o sustento de quatro pessoas, esse estilo de vida de uma família nobre que não queria abdicar. Já fazia oito anos que havia enviuvado, com um rapaz de vinte anos e uma moça de dezessete, em meio ao colapso de sua casa, e a condessa empertigou-se em seu orgulho nobiliárquico, jurando que viveria de pão e água mas não desceria de nível social. A partir daquela data, teve um único propósito, manter-se aprumada em sua condição, casar a filha com um homem de igual nobreza, fazer de seu filho um soldado. Ferdinand havia-lhe causado aborrecimentos mortais após algumas loucuras de juventude, dívidas que foi preciso pagar; mas, avisado da situação em uma conversa solene, não recomeçou; bom coração no fundo, simplesmente ocioso e inútil, avesso a qualquer trabalho, sem lugar possível na sociedade contemporânea. Agora soldado do papa, continuava a ser uma causa de angústia secreta para ela, porque não tinha saúde, delicado sob sua aparência altiva, sangue exaurido e empobrecido, o que fazia o clima de Roma perigoso

para ele. Quanto ao casamento de Alice, tardava tanto que a triste mãe tinha os olhos cheios de lágrimas quando a via, já envelhecida, perdendo o viço na espera. Com seu ar de insignificância melancólica, não era estúpida, aspirava ardentemente à vida, a um homem que a amasse, à felicidade; mas, como não queria entristecer ainda mais a casa, fingia ter renunciado a tudo, ridicularizava o casamento, dizia que tinha vocação de celibatária; e, à noite, soluçava em seu travesseiro, acreditava morrer da dor de ser tão solitária. Entretanto, a condessa, por seus milagres da avarícia, havia conseguido guardar vinte mil francos, o dote de Alice; havia também salvado do naufrágio algumas joias, um bracelete, anéis, brincos, que poderiam ser avaliados em cerca de dez mil francos; dote bem pobre, um enxoval de que sequer ousava falar, apenas o suficiente para as despesas imediatas, caso surgisse o pretendente esperado. E, no entanto, não queria se desesperar, lutava apesar de tudo, sem abandonar qualquer privilégio de nascença, sempre ativa e com fortuna conveniente, incapaz de sair a pé ou de dispensar os *entremets* em noite de recepção, embora se privasse em sua vida oculta, condenada a semanas de batata sem manteiga para adicionar cinquenta francos ao dote eternamente insuficiente de sua filha. Era um heroísmo cotidiano, doloroso e pueril, enquanto a cada dia a casa desabava um pouco mais sobre suas cabeças.

Entretanto, até aquele momento, dona Caroline nunca havia tido a ocasião de falar com a condessa e sua filha. Acabava por conhecer os detalhes mais íntimos de suas vidas, que pensavam ocultar a todos, e só houvera entre elas algumas trocas de olhar, esses olhares que se transformam em uma sensação repentina de simpatia. A princesa d'Orviedo deveria aproximá-las. Havia tido a ideia de criar, para sua Obra do Trabalho, uma espécie de comissão supervisora, composta de dez senhoras, que se reuniriam duas vezes por mês, visitariam a Obra detalhadamente e controlariam todos os serviços. Como havia se reservado o direito de escolher pessoalmente as senhoras, designara, entre as primeiras, a senhora de Beauvilliers, antigamente uma grande amiga,

que havia se tornado simplesmente sua vizinha agora que estava retirada do mundo. E, como a comissão supervisora acabara de perder seu secretário, Saccard, que tinha influência na administração do estabelecimento, teve a ideia de recomendar dona Caroline como uma secretária modelo, uma que não se acharia igual em parte alguma: na verdade, o trabalho era bastante penoso; havia muitas escritas, até mesmo preocupações materiais, que repugnavam um pouco a essas senhoras; e, desde o começo, dona Caroline havia se revelado uma hospitaleira admirável, pois sua maternidade insaciada, seu amor desesperado pelas crianças, inspirava uma ternura ativa por todos esses pobres seres que se tentava resgatar da sarjeta parisiense. Portanto, na última sessão da comissão, dona Caroline havia se encontrado com a condessa de Beauvilliers; mas esta lhe fez uma saudação um pouco fria, escondendo seu embaraço secreto, pois teve sem dúvida a sensação de que se tratava de uma testemunha de sua miséria. Agora, ambas se cumprimentavam, cada vez que seus olhos se encontravam, e teria sido uma excessiva impolidez simularem que não se reconheciam.

Um dia, no grande escritório, enquanto Hamelin retificava um projeto após novos cálculos e Saccard, em pé, acompanhava o trabalho, dona Caroline, diante da janela, como de costume, olhava a condessa e a filha darem a volta no jardim. Nesta manhã, via em seus pés velhos sapatos que uma trapeira não teria apanhado junto a um poste.

– Ah! Pobres mulheres! – murmurou. – Como deve ser terrível essa comédia do luxo que acreditam ser obrigadas a representar.

E recuava, escondia-se atrás das cortinas, com medo de que a mãe a avistasse e sofresse ainda mais por ser vigiada assim. Ela própria havia se acalmado durante as três semanas em que se distraía, cada manhã, à janela; a grande tristeza de seu abandono adormecia, parecia que a vista do desastre dos outros a fazia aceitar mais corajosamente o seu, essa derrocada que pensava ser a derrocada de toda sua vida. De novo, surpreendia-se a rir.

Por alguns instantes ainda seguiu as duas mulheres pelo jardim verde de musgo, com ar de profundo devaneio. Então, virou-se para Saccard, vivamente:

– Diga-me por que não consigo ficar triste... Não, isso nunca dura, não consigo ficar triste, o que quer que me aconteça... É egoísmo? Na verdade, não acho. Seria maldoso demais e, aliás, mesmo que esteja alegre, sinto o coração partido diante do espetáculo da menor dor. Explique isso, sou alegre e choraria por todos os infelizes que passam, se não me contivesse ao compreender que o menor pedaço de pão faria um bem muito maior que todas as minhas lágrimas inúteis.

Ao dizer isso, ria com seu belo riso de coragem, mulher valente que preferia a ação às paixões verbosas.

– No entanto, Deus sabe – continuou –, tive motivos para desesperar-me. Ah! A sorte não me favoreceu até agora... Após meu casamento, no inferno em que caí, sendo insultada, espancada, pensei que só me restava jogar-me à água. Não me joguei, estava vibrante de alegria, cheia de uma imensa esperança quando parti com o meu irmão para o Oriente... E, quando voltamos a Paris, quando nos faltou quase tudo, tive noites abomináveis em que nos via mortos de fome sobre nossos belos projetos. Não morremos, voltei a sonhar com coisas grandiosas, coisas felizes que às vezes me faziam rir sozinha... E, ultimamente, quando recebi esse golpe terrível de que não ousa ainda falar, meu coração parecia arrancado do peito; sim, senti realmente que não batia mais; imaginei-o acabado, imaginei-me acabada, aniquilada. E então, nada disso! Eis que a existência me resgata, rio hoje, amanhã terei esperança, desejarei ainda viver, sempre viver... Isso é extraordinário, não conseguir ficar triste por muito tempo!

Saccard, que ria ele também, deu de ombros.

– Ora! A senhora é como todos. Isso é a vida.

– O senhor acha? – exclamou, surpresa. – A mim, parece-me que há pessoas tão tristes, que nunca estão alegres, que tornam a própria vida impossível, de tanto que a pintam de negro... Oh! Não que me exceda

sobre a doçura e a beleza que ela oferece. Foi dura demais, vi coisas demais de muito perto, em toda parte e livremente. Ela é execrável, quando não ignóbil. Mas o que lhe dizer? Amo a vida. Por quê? Não sei. À minha volta tudo pode periclitir, afundar, e no dia seguinte já estou alegre e confiante sobre as ruínas... Pensei frequentemente que meu caso é, em pequena escala, o da humanidade, que vive, é verdade, em uma terrível miséria mas que ganha alento com a juventude de cada geração. Depois de cada crise que me abate, é como se viesse uma nova juventude, uma primavera cujas promessas de seiva me aquecem e animam novamente o coração. Isso é tão verdadeiro que, após uma grande mágoa, se saio à rua, ao sol, logo volto a amar, a esperar, a ser feliz. E a idade não tem domínio sobre mim, tenho a ingenuidade de envelhecer sem me dar conta... Veja, li demais para uma mulher, não sei mais para onde vou, aliás, não mais do que sabe este vasto mundo. Somente está fora de meu controle, parece que vou, que vamos todos rumo a alguma coisa muito boa e perfeitamente feliz.

Terminou com um gracejo, embora estivesse comovida, querendo esconder a ternura de sua esperança; enquanto o irmão, que havia erguido a cabeça, olhava-a com uma adoração cheia de gratidão.

– Oh! Você – declarou –, você é feita para as catástrofes, você é o amor pela vida!

Nessas conversas cotidianas da manhã, surgiu pouco a pouco uma espécie de febre e, se dona Caroline voltava a essa alegria natural, inerente a sua própria pessoa, isso provinha da coragem que Saccard lhes trazia, com sua paixão ativa pelos grandes negócios. Era assunto quase decidido, investiriam no famoso portfólio. Sob a entonação de sua voz estridente, tudo se animava, ficava exagerado. Em primeiro lugar, poriam a mão no Mediterrâneo, conquistariam-no com a Companhia Geral de Navios Associados – e enumerava os portos de todas as regiões do litoral onde criariam escalas, e misturava lembranças clássicas meio esquecidas a seu entusiasmo de investidor, celebrando esse mar, o único conhecido no mundo antigo, esse mar azul em cujo entorno a civilização floresceu, mar

cujas ondas banharam as cidades antigas, Atenas, Roma, Tiro, Alexandria, Cartago, Marselha, todas as que formaram a Europa. Depois, quando estivesse assegurada a grande rota do Oriente, começariam ali, na Síria, com a pequena Sociedade das Minas de Prata do Carmelo, apenas alguns milhões a ganhar de passagem, mas um excelente começo, porque essa ideia de uma mina de prata, prata encontrada na terra, apanhada com pás, seria sempre sedutora para o público, principalmente porque se poderia afixar a insígnia de um nome prodigioso e retumbante como o do Carmelo. Também havia lá minas de carvão, carvão à flor da terra, que valeria ouro quando o país se cobrisse de fábricas; sem contar empreendimentos menores que serviriam de entreatos, a criação de bancos, sindicatos para a indústria nascente, uma exploração das vastas florestas do Líbano, cujas árvores gigantes apodreciam no local por falta de estradas. Enfim, chegava ao grande negócio, a Companhia das Ferrovias do Oriente, e aí ele delirava, porque essa malha ferroviária, espraiada de um canto a outro da Ásia Menor como uma rede, era para ele a especulação, a vida do dinheiro, que apreenderia de um só golpe esse velho mundo como se fosse uma nova presa, ainda intacta, com uma riqueza incalculável, oculta sob a ignorância e a crosta dos séculos. Farejava o tesouro, relinchava como um cavalo de guerra diante do odor da batalha.

Dona Caroline, com bom senso tão sólido, em geral muito refratária à imaginação excessivamente fértil, deixava-se, no entanto, contagiar por esse entusiasmo, não enxergava mais claramente o exagero. Em verdade, isso acalentava sua ternura pelo Oriente, sua tristeza por essa terra em que se sentiu feliz; e, sem cálculo, por um contrafeito lógico, era ela, suas descrições coloridas, suas informações esfuziantes, que fustigavam cada vez mais os anseios de Saccard. Quando ela falava de Beirute, onde havia morado durante três anos, não poupava palavras: Beirute, no sopé do Líbano, em uma estreita faixa de terra, entre ondulações de areia vermelha e desmoronamentos de rochas; Beirute, com suas casas construídas em forma de anfiteatro, no meio de grandes jardins, um

paraíso delicioso, recoberto de laranjeiras, de limoeiros e de palmeiras. Depois, todas as outras cidades costeiras: Antioquia, ao norte, despojada de seu esplendor; ao sul, Saida, a antiga Sídon, São João de Acre, Jafa e Tiro, a atual Sur, que as resume todas; Tiro, cujos mercadores eram reis, cujos marinheiros haviam feito a volta da África e que hoje, com seu porto coberto pela areia, é somente um campo de ruínas, uma poeira de palácio onde apenas se erguem, miseráveis e esparsas, algumas cabanas de pescadores. Havia acompanhado seu irmão por toda parte, conhecia Alepo, Angora, Bursa, Esmirna, até Trebizonda; havia vivido um mês em Jerusalém, dormindo em meio ao trânsito dos lugares santos, depois dois outros meses em Damasco, a rainha do Oriente, no centro de sua vasta planície, cidade comercial e industrial que as caravanas de Meca e Bagdá transformam em um centro fervilhante de multidões. Conhecia também os vales e as montanhas, os vilarejos dos maronitas e dos drusos, construídos nos planaltos, perdidos nos desfiladeiros, os campos cultivados e os campos estéreis. E, dos menores recantos, tanto dos desertos mudos quanto das grandes cidades, trouxe a mesma admiração pela natureza inesgotável e luxuriante, a mesma raiva contra os homens estúpidos e perversos. Quantas riquezas naturais menosprezadas ou deterioradas! Falava dos impostos que esmagam o comércio e a indústria, dessa lei imbecil que impede de consagrar capitais à agricultura além de certo limite, da rotina que deixa nas mãos do camponês a carroça que se usava antes de Jesus Cristo, da ignorância em que apodrecem, ainda em nossos dias, milhões de homens, semelhantes a crianças idiotas, entravadas em seu desenvolvimento. Antes a costa era pequena demais, as cidades se avizinham; agora a vida partiu para o Ocidente, parece que se atravessa um imenso cemitério abandonado. Sem escolas, sem estradas, o pior dos governos, a justiça vendida, um pessoal administrativo execrável, impostos excessivos, leis absurdas, preguiça, fanatismo; sem contar os abalos incessantes das guerras civis, os massacres que destroem vilarejos inteiros. Então zangava-se, perguntava se seria permitido arruinar assim a obra da natureza, uma terra

abençoada, de encanto refinado, onde todos os climas se encontravam, as planícies ardentes, os flancos temperados das montanhas, a neve eterna dos altos cumes. E seu amor pela vida, sua esperança vivaz faziam que se entusiasmasse com a ideia do golpe da varinha de condão todo-poderosa, com o qual a ciência e a especulação poderiam atingir essa velha terra adormecida para despertá-la.

– Olhe! – exclamava Saccard. – Esse desfiladeiro do Carmelo, que a senhora desenhou ali, onde só há pedras e betume, pois bem! Assim que a mina de prata estiver em atividade, ali crescerá de início um vilarejo, depois uma cidade... E todos esses portos cobertos de areia, nós os limparemos, nós os protegeremos com quebra-mares. Navios de alto-mar atracarão onde barcos hoje não ousam chegar... E, nessas planícies despovoadas, nesses desfiladeiros desertos, que nossas ferrovias atravessarão, a senhora verá uma ressurreição, sim!, campos serem cultivados, estradas e canais serem abertos, novas cidades saírem da terra, a vida enfim retornar como retorna a um corpo doente, quando, nas veias enfraquecidas, ativa-se a circulação com um sangue novo... Sim! O dinheiro fará esses prodígios.

E, diante da evocação dessa voz penetrante, dona Caroline via realmente erguer-se a civilização anunciada. Esses esboços áridos, esses traçados lineares se animavam, povoavam-se: era o sonho que às vezes tinha de um Oriente liberado de sua crosta, tirado de sua ignorância, desfrutando o solo fértil, o céu encantador, com todos os refinamentos da ciência. Ela já havia assistido ao milagre: aquela Porto Said que, em tão poucos anos, havia crescido sobre a praia nua; no começo algumas cabanas para abrigar os poucos operários da primeira hora, depois a cidade de dois mil habitantes, a cidade de dez mil habitantes, casas, lojas imensas, um píer gigantesco, a vida e o bem-estar criados com tenacidade pelas formigas humanas. E era bem isso que via se erguer de novo, a marcha à frente, irresistível, o ímpeto social que se dirige à maior felicidade possível, a necessidade de agir, de ir adiante de si mesmo, sem saber ao certo para onde se vai, mas ir com mais conforto, nas melhores

condições; e o globo revolvido pelo formigueiro que refaz sua casa, e o trabalho incessante, novos prazeres conquistados, o poder do homem decuplicado, a terra pertencendo-lhe cada dia mais. O dinheiro, ajudando a ciência, fazia o progresso.

Hamelin, que escutava sorrindo, teve uma palavra sábia.

– Tudo isso é a poesia do resultado, e nem chegamos ainda à prosa da execução.

Mas Saccard só se entusiasmava pelo exagero de suas concepções, e ficou pior no dia em que, pondo-se a ler sobre o Oriente, abriu uma história da expedição ao Egito. A lembrança das Cruzadas já o rondava, esse retorno do Ocidente para o Oriente, seu berço, esse grande movimento que havia reconduzido a distante Europa às terras de origem, ainda em plena florescência, e onde tanto havia a aprender. No entanto, a grande figura de Napoleão impressionou-o mais, guerreando ali com objetivos grandiosos e misteriosos. Embora falasse de conquistar o Egito, de instaurar uma organização francesa, dar assim à França o comércio do Levante, certamente não dizia tudo; e Saccard queria ver, no aspecto da expedição que permaneceu vago e enigmático, não sabia bem qual projeto de ambição colossal, um imenso império reconstruído, Napoleão coroado em Constantinopla, imperador do Oriente e das Índias, realizando o sonho de Alexandre, maior que César e Carlos Magno. Não dizia ele em Santa Helena, falando de Sidney, o general inglês que o havia detido diante de São João de Acre: “Este homem me fez perder a fortuna”? E o que as Cruzadas haviam tentado, o que Napoleão não havia conseguido realizar, era esse pensamento gigantesco da conquista do Oriente que inflamava Saccard, mas uma conquista racional, realizada pela força dupla da ciência e do dinheiro. Visto que a civilização havia avançado de leste para oeste, por que não retornaria em direção ao leste, voltando ao primeiro jardim da humanidade, a esse Éden da península indostânica que dormia na fadiga dos séculos? Seria uma nova juventude, galvanizaria o paraíso terrestre, que se tornaria habitável pelo vapor e pela eletricidade, recolocaria a Ásia Menor no centro do velho mundo, como

ponto de cruzamento dos grandes caminhos naturais que unem os continentes. Não seriam mais milhões a ganhar, mas bilhões e bilhões.

A partir de então, Hamelin e ele tiveram longas conferências todas as manhãs. Embora as esperanças fossem grandes, as dificuldades apresentavam-se numerosas, enormes. O engenheiro, que justamente estava em Beirute em 1862, durante a horrível carnificina que os drusos promoveram contra os cristãos maronitas, e que necessitou da intervenção da França, não escondia os obstáculos que encontrariam entre as populações em luta contínua, abandonadas ao bel-prazer das autoridades locais. No entanto, ele tinha relações poderosas em Constantinopla, havia se assegurado do apoio do grão-vizir, Fuad-Pacha, homem de mérito real, partidário declarado de reformas, e gabava-se de obter dele todas as concessões necessárias. Por outro lado, embora profetizasse a bancarrota fatal do Império Otomano, via, de certa forma, uma circunstância favorável nessa necessidade desenfreada de dinheiro, nesses empréstimos que se seguiam ano após ano: um governo empobrecido, mesmo que não ofereça garantias pessoais, está sempre pronto a se entender com companhias particulares, desde que encontre nisso algum benefício. E não seria uma maneira prática de resolver a eterna e incômoda questão do Oriente, interessando o império em grandes obras civilizatórias que o conduzissem ao progresso, para que não fosse mais essa fronteira monstruosa interposta entre a Europa e a Ásia? Que belo papel patriótico desempenhariam as companhias francesas!

Eis que uma manhã, tranquilamente, Hamelin abordou o programa secreto a que fazia às vezes alusão, a que chamava, sorrindo, o coroamento do edifício.

– Então, quando formos os senhores, refaremos o reino da Palestina e colocaremos lá o papa... De início, poderemos nos contentar com Jerusalém, e Jafa como porto. Depois, a Síria será declarada independente e será anexada... O senhor sabe que se aproxima o momento em que o papado não poderá permanecer em Roma, frente às

humilhações revoltantes que lhe preparam. É para esse dia que deveremos estar prontos.

Saccard, embasbacado, ouvia-o dizer essas coisas com uma voz simples, em sua profunda fé católica. Ele próprio não recuava diante de devaneios extravagantes, mas nunca teria ido tão longe. Esse homem de ciência, com aparência tão fria, deixava-o estupefato. Gritou:

– É loucura! A Porta não entregará Jerusalém.

– Oh! Por quê? – replicou placidamente Hamelin. – Precisa tanto de dinheiro! Jerusalém aborrece-os, seria um bom descarte. Frequentemente não sabe qual partido tomar entre as diversas religiões que disputam a posse dos santuários... Além disso, o papa teria na Síria um grande apoio dos maronitas, porque o senhor bem sabe que ele instalou em Roma um colégio para os padres deles... Enfim, pensei muito, previ tudo, e esta será a nova era, a era triunfal do catolicismo. Talvez digam que é ir longe demais, que o papa acabará separado, desinteressado dos negócios da Europa. Mas que esplendor, que autoridade irradiará quando reinar nos lugares santos, falando em nome de Cristo na terra sagrada em que Cristo falou! Lá está seu patrimônio, lá que deve estar seu reino! E fique tranquilo, nós o faremos poderoso e sólido, esse reino, nós o poremos ao abrigo das perturbações políticas, assentando seu orçamento, com a garantia dos recursos do país, sobre um grande banco, com ações disputadas pelos católicos do mundo inteiro.

Saccard, que sorria, seduzido pela enormidade do projeto, sem estar convencido, não pôde deixar de batizar o banco em um grito alegre de descoberta.

– O Tesouro do Santo Sepulcro, hein? Magnífico! Esse é o negócio!

Mas encontrou o olhar sensato de dona Caroline, que também sorria, cética, um pouco zangada mesmo; e teve vergonha de seu entusiasmo.

– Pouco importa, meu caro Hamelin, teremos interesse em manter secreto esse coroamento do edifício, como diz o senhor. Caçoariam de nós. E, além do mais, nosso programa já é terrivelmente complexo, é

melhor reservar as consequências extremas, o final glorioso, unicamente aos iniciados.

– Com certeza, sempre foi a minha intenção – declarou o engenheiro. – Será o mistério.

E foi com essas palavras, naquele dia, que a exploração do portfólio, a realização da enorme série de projetos, foi definitivamente decidida. Começariam por criar um banco modesto para lançar os primeiros negócios; então, com a ajuda do sucesso, pouco a pouco, seriam os donos do mercado, conquistariam o mundo.

No dia seguinte, como Saccard subisse à casa da princesa d’Orviedo para pedir orientação a respeito da Obra do Trabalho, veio-lhe a lembrança do sonho que acalentou por um momento: ser o príncipe consorte dessa rainha da esmola, um simples distribuidor e administrador da fortuna dos pobres. Sorriu, porque no momento achava isso um pouco simplório. Ele era construído para fazer a vida e não para tratar as feridas que a vida fez. Finalmente estaria em seu canteiro de obras, em plena batalha de interesses, essa corrida à felicidade que tinha sido o caminho da humanidade, de século em século, para mais alegria e mais luz.

No mesmo dia encontrou dona Caroline sozinha no gabinete dos projetos. Estava de pé, diante de uma janela, entretida pela aparição da condessa de Beauvilliers e de sua filha no jardim vizinho, em hora incomum. As duas mulheres liam uma carta com ar de grande tristeza; decerto uma carta do filho, de Ferdinand, cuja situação não deveria ser brilhante em Roma.

– Olhe – disse dona Caroline, ao reconhecer Saccard. – Ainda outra tristeza para essas infelizes. As pobres na rua causam-me menos dó.

– Ora! – exclamou alegremente. – Peça-lhes o favor de virem me ver. Nós as enriqueceremos, elas também, pois faremos a fortuna de todos.

E, em seu entusiasmo feliz, procurou seus lábios para beijá-los, mas, com um movimento brusco, ela afastou a cabeça, grave e pálida com um mal-estar involuntário.

– Não, por favor.

Era a primeira vez que ele tentava recomeçar, desde que tinha se abandonado a ele, em um minuto de completa inconsciência. Os assuntos sérios resolvidos, pensava em sua boa sorte, querendo também, desse lado, resolver a situação. O movimento vivo de recuo surpreendeu-o.

– Verdade, isto lhe faria mal?

– Sim, muito mal. – Acalmava-se, sorria por sua vez. – Aliás, confesse que não lhe importa.

– Oh! Eu a adoro.

– Não, não diga isso. Vai ficar tão ocupado! E mais, asseguro-lhe que estou pronta para ter sua amizade verdadeira, se for o homem ativo que imagino, se fizer todas as grandes coisas que diz... Veja, é bem melhor a amizade!

Ele ouvia, sempre sorrindo, embaraçado e conflitado. Ela o recusava, era ridículo tê-la tido uma única vez, de surpresa. Mas apenas sua vaidade sofria.

– Então, apenas amigos?

– Sim, serei sua companheira, eu o ajudarei... Amigos, grandes amigos!

Estendeu-lhe as faces, e ele, vencido, achando que ela tinha razão, nelas depositou dois beijos estalados.

[a] Atual Ancara. (N. E.)

III

A carta do banqueiro russo de Constantinopla, que Sigismond havia traduzido, era uma resposta favorável, esperada para pôr em andamento o projeto em Paris; e, apenas dois dias depois, Saccard, ao despertar, teve a inspiração de que conviria agir nesse mesmo dia e, antes de anoitecer, formar de uma vez o sindicato, do qual queria estar seguro para alocar antecipadamente cinquenta mil ações de quinhentos francos de sua sociedade anônima, lançada com capital de vinte e cinco milhões.

Ao saltar da cama, havia finalmente achado o nome dessa empresa, o letreiro que procurava havia tempos. As palavras “Banco Universal” haviam subitamente flamejado diante dele, como se fossem letras de fogo, no quarto ainda escuro.

– O Banco Universal – não parou de repetir, enquanto se vestia –, o Banco Universal, é simples, é grandioso, engloba tudo, recobre o mundo... Sim, sim, excelente! O Banco Universal!

Até as nove e meia, caminhou de um lado a outro em seus amplos cômodos, absorto, sem saber por onde começar sua caça aos milhões em Paris. Vinte e cinco milhões, isso ainda se encontra em qualquer esquina; aliás, era o embaraço da escolha que o fazia refletir, porque queria seguir algum método. Tomou uma xícara de leite, não se irritou quando o cocheiro subiu para explicar-lhe que o cavalo não estava bem, sem dúvida por causa de um resfriado, e que seria mais prudente chamar o veterinário.

– Está bem, faça isso... Tomarei um fiacre.

Mas, na calçada, foi surpreendido pelo vento cortante que soprava: um brusco retorno do inverno naquele mês de maio, tão ameno ainda na

véspera. Não chovia, mas espessas nuvens surgiam no horizonte. E não chamou um fiacre, para aquecer-se com a caminhada; disse a si mesmo que inicialmente iria a pé ao escritório de Mazaud, o corretor de ações, na rue de la Banque; pois lhe havia ocorrido a ideia de sondá-lo a respeito de Daigremont, especulador bem conhecido, o homem feliz de todos os sindicatos. Ao chegar na rue Vivienne, contudo, do céu recoberto por grandes nuvens lívidas desabou tamanha chuva, misturada a granizo, que ele se refugiou sob uma porta-cocheira.

Fazia um minuto que Saccard estava ali, a ver despencar o aguaceiro, quando, mais alto que o estrondo da água, o nítido tilintar de moedas de ouro fez com que aguçasse os ouvidos. Parecia sair das entranhas da terra, contínuo, suave, musical, como em um conto das *Mil e uma noites*. Virou a cabeça, orientou-se, percebeu que estava à porta da casa de Kolb, banqueiro que se ocupava principalmente de arbitragens de câmbio de ouro, comprando moedas nos Estados onde tivessem baixa cotação e depois fundindo-as para vender os lingotes em outro lugar, em países onde o ouro estivesse em alta; e, da manhã à noite, nos dias de fundição, subia do subsolo esse ruído cristalino das moedas de ouro, apanhadas com pás, tiradas de caixas, jogadas no cadinho. Os ouvidos dos transeuntes das calçadas tintinam do começo ao fim do ano. Agora, Saccard sorria com condescendência a essa música, que era uma espécie de voz subterrânea do bairro da Bolsa. Viu nela um feliz presságio.

A chuva havia passado, atravessou a praça, chegou de imediato ao escritório de Mazaud. Diferentemente dos demais, o jovem corretor tinha sua residência pessoal no primeiro andar do mesmo imóvel onde estavam instalados os escritórios de sua corretora, que ocupavam todo o segundo andar. Havia simplesmente ocupado o apartamento do tio após a morte deste, quando negociou a compra da corretora com seus coerdeiros.

Soavam dez horas e Saccard subiu diretamente ao escritório, onde encontrou Gustave Sédille à porta.

– O senhor Mazaud está aqui?

– Não sei, senhor, acabo de chegar.

O jovem sorria, sempre atrasado, levando a bel-prazer sua ocupação de simples diletante que não era pago, resignado a passar ali um ou dois anos para agradar o pai, o fabricante de seda da rue des Jeûneurs.

Saccard atravessou a caixa, cumprimentado pelos dois funcionários, um que se ocupava do dinheiro, outro que se ocupava dos títulos; em seguida, entrou no gabinete dos dois operadores credenciados, onde só encontrou Berthier, que era encarregado do relacionamento com os clientes e que acompanhava o patrão à Bolsa.

– O senhor Mazaud está aqui?

– Creio que sim, acabo de sair de seu gabinete... Ora! Não, não está mais lá... Deve estar no escritório do caixa.

Havia aberto uma porta vizinha, passeava o olhar por uma sala bem grande, onde cinco empregados trabalhavam, sob as ordens de um supervisor.

– Não, é estranho!... veja o senhor mesmo na liquidação, ali ao lado.

Saccard entrou no gabinete de liquidações. Era lá que o liquidante, o eixo principal da corretora, auxiliado por sete empregados, analisava a caderneta entregue pelo corretor todos os dias após a Bolsa e em seguida atribuía aos clientes as negociações feitas conforme as ordens recebidas, com a ajuda das fichas, conservadas para saber os nomes; pois a caderneta só continha uma breve indicação de compra ou de venda: tal valor, tal quantidade, tal cotação, de tal corretor.

– Viram o senhor Mazaud? – perguntou Saccard.

Mas eles sequer lhe responderam. O liquidante havia saído, três empregados liam o jornal, dois outros olhavam para o alto; ao passo que a chegada de Gustave Sédille havia interessado vivamente o pequeno Flory, que, pela manhã, fazia as escritas, cancelava compromissos e que, à tarde, na Bolsa, era responsável pelos telegramas. Nascido em Saintes, filho de um empregado de cartório, fora antes funcionário de um banco em Bordeaux, vindo em seguida a Paris, para o gabinete de Mazaud, no fim do último outono, sem outro futuro que não o de talvez duplicar seu

salário em dez anos. Até então, havia se comportado bem, pontual e consciencioso. No entanto, no último mês, depois que Gustave havia chegado à corretora, desencaminhava-se, levado por seu novo companheiro, muito elegante, muito ousado, endinheirado, e que o havia feito conhecer mulheres. Flory, rosto coberto de barba, tinha um nariz sensual, boca amável, olhos afetuosos; e mantinha alguns encontros galantes, baratos, com a senhorita Chuchu, figurante do teatro Variétés, sirigaita franzina das ruas parisienses, filha desgarrada de uma *concierge* de Montmartre, divertida com seu rosto de papel machê, onde luziam grandes olhos castanhos admiráveis.

Gustave, antes mesmo de tirar o chapéu, contou-lhe sua noitada.

– Sim, meu caro, pensei mesmo que Germaine me poria na rua, porque Jacoby apareceu. Mas foi ele que ela achou um jeito de mandar embora, ah! De fato, não sei como. E eu fiquei.

Ambos sufocaram de tanto rir. Tratava-se de Germaine Coeur, esplêndida moça de vinte e cinco anos, um pouco indolente e preguiçosa, com seu busto opulento, que um colega de Mazaud, o judeu Jacoby, sustentava ao mês. Sempre esteve com homens da Bolsa, sempre ao mês, o que era cômodo para homens muito ocupados, cabeça abarrotada de números, que pagavam o amor como o resto, sem tempo para uma verdadeira paixão. Ela afligia-se com uma única preocupação, em seu pequeno apartamento da rue de la Michodière, a de evitar encontros entre esses senhores que podiam ser conhecidos um do outro.

– Diga-me – perguntou Flory –, eu pensei que se preservasse para a bela papeleira.

Mas essa alusão à senhora Conin tornou Gustave sério. Essa, era preciso respeitar: era mulher honesta; e, quando ela bem o desejava, não havia exemplo de homem que se mostrasse indiscreto, a tal ponto continuavam bons amigos. Assim, sem querer responder, Gustave fez por sua vez uma pergunta.

– E Chuchu, levou-a ao Mabile?

– Meu Deus, não! É caro demais. Ficamos em casa, fizemos chá.

Atrás dos jovens, Saccard havia escutado esses nomes de mulher, que eles sussurravam em rápidas palavras. Deu um sorriso, dirigiu-se a Flory.

– Não teria visto o senhor Mazaud?

– Sim, senhor, acabou de dar-me uma ordem e desceu para seu apartamento... Creio que o filho pequeno está doente, avisaram-no de que o doutor estava lá... O senhor deveria bater à porta, porque pode muito bem sair sem voltar aqui.

Saccard agradeceu, apressou-se a descer um andar. Mazaud era um dos corretores de ações mais jovens, favorecido pela sorte, pois teve essa oportunidade após a morte de seu tio, que o fez titular de uma das corretoras mais poderosas de Paris na idade em que ainda se aprende o ofício. De baixa estatura, tinha um rosto agradável, finos bigodes castanhos, olhos negros e penetrantes; e mostrava grande atividade e também inteligência muito ágil. Já o citavam na *corbeille* por essa vivacidade de espírito e de corpo, tão necessária à função, e que, junto a muita perspicácia, a uma notável intuição, colocavam-no no primeiro escalão; sem contar que tinha uma voz aguda, informações em primeira mão de Bolsas estrangeiras, relações com todos os banqueiros, e até, dizia-se, um primo distante na agência Havas^[a]. Sua mulher, com quem casara por amor, havia lhe trazido um milhão e duzentos mil francos de dote, uma jovem mulher encantadora que já lhe havia dado dois filhos, uma menininha de três anos e um garoto de dezoito meses.

Justamente, Mazaud acompanhava à porta o doutor, que o tranquilizava, sorridente.

– Entre, por favor – disse a Saccard. – É verdade, com essas criaturinhas, inquietamo-nos imediatamente, achamos que estão perdidos ao menor dodói.

E introduziu-o no salão, onde ainda estava sua esposa, com o bebê sobre os joelhos, enquanto a menina, feliz de ver a mãe contente, ficava na ponta dos pés para beijá-la. Os três eram loiros, com o frescor de leite, a jovem mãe com um ar tão delicado e ingênuo quanto as crianças. Ele beijou-lhe os cabelos.

– Veja só como estávamos loucos.

– Ah! Não faz mal, meu querido, estou tão contente de que ele nos tenha tranquilizado!

Diante dessa grande felicidade, Saccard havia parado ao cumprimentar. O salão, luxuosamente mobiliado, exalava a vida feliz desse casal, que nada havia desunido ainda: apenas, quatro anos após o casamento, atribuíram a Mazaud uma breve curiosidade por uma cantora da Opéra-Comique. Permanecia um marido fiel, da mesma forma que tinha a reputação de ainda não especular demais por sua própria conta, apesar dos arroubos da juventude. E esse cheiro bom da sorte, da felicidade sem nuvens, respirava-se realmente na paz discreta dos tapetes e das tapeçarias, no perfume com o qual um grande buquê de rosas, transbordando de um vaso da China, havia impregnado todo o salão.

A senhora Mazaud, que conhecia um pouco Saccard, disse-lhe alegremente:

– Não é verdade, senhor, que basta querer para ser sempre feliz?

– Estou convencido disso, senhora – respondeu. E, além do mais, há pessoas tão belas e tão boas que a infelicidade nunca ousa atingi-las.

Ela havia se levantado, radiante. Beijou por sua vez o marido e saiu, carregando o menino, seguida da menininha, que havia se pendurado ao pescoço do pai. Mazaud, tentando esconder sua emoção, virou-se para o visitante, com uma expressão jocosa parisiense.

– O senhor vê, a gente não se aporrinha aqui.

Depois, vivamente:

– O senhor quer me dizer alguma coisa?... Quer subir? Ficaremos mais à vontade.

No andar de cima, diante da caixa, Saccard reconheceu Sabatani, que vinha buscar seus lucros; e ficou surpreso com o aperto de mão cordial que o corretor trocou com seu cliente. Aliás, assim que se sentou no gabinete de Mazaud, explicou sua visita, perguntando sobre as formalidades necessárias para introduzir um valor na cotação oficial. Despretensiosamente, falou do negócio que pretendia lançar, o Banco